

**Priscilla Neves**

**Sentenças com o adjetivo *fácil* em  
Português brasileiro**

Dissertação apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade  
Federal de Santa Catarina como  
requisito para a obtenção do  
grau de Mestre em Linguística.

Orientador:  
Dr. Carlos Miotto (UFSC)

**Florianópolis - maio - 2007**

# **Sentenças com o adjetivo *fácil* em português brasileiro**

**Priscilla Neves**

**Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em  
Linguística e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística  
da Universidade Federal de Santa Catarina.**

---

Prof. Dr. Fábio Lopes da Silva  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Linguística

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Carlos Miotto – UFSC  
Presidente e Orientador

---

Prof. Dr. Sérgio de Moura Menuzzi – UFRGS  
Membro

---

Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva – UFSC  
Membro

---

Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira – UFSC  
Suplente

Florianópolis, maio de 2007.

## Agradecimentos

A Deus, que me deu a vida. Sem o qual jamais conseguiria realizar este trabalho. Senhor, obrigada em nome de Jesus por tudo!

Ao meu orientador, Carlos Miotto, por sua orientação segura e constante em todos os momentos desta pesquisa. Por me ensinar que o processo para que se possa produzir um bom texto deve ser persistente, ainda que árduo. Por sua paciência, pelos valiosos ensinamentos e reflexões sobre o tema que estudamos.

À minha irmã Bárbara por estar integralmente ao meu lado neste trabalho. Sempre me perguntou como estavam as coisas. Alegrava-se com os textos que ficavam bons e me incentivava com os que ficavam ruins. Sempre me abraçou e beijou, alegrou-me com suas risadas constantes, com seu sorriso contagiante, com sua alegria de viver e seu jeito de ser... Minha “filha”, minha alegria, minha menina, parte de mim!

À minha mãe Rosely, por simplesmente ser uma mãe e mulher espetacular! Sempre presente e sincera. Por ser rígida e, ao mesmo tempo, amorosa e confiante. Pela força que nela mora e que sempre me reergueu. Pelas conversas sinceras que tivemos, por me admirar e amar... Por estar em estado constante de felicidade, nas coisas mais simples e encantadoras como uma flor no jardim...

Ao meu irmão Pablo, por ter me apontado o caminho da porta e ter me conduzido a abri-la, pois lá encontrei o Senhor! Por me ensinar que devemos ser alegres até nos momentos de dor. Por ter me ajudado quando tanto precisei. Enfim, por me mostrar que sofremos e somos felizes na mesma proporção.

Ao Ronaldo, por me fazer perceber que a vida acadêmica, apesar de muito importante e instigante, não pode ser levada tão a sério porque ela faz parte de algo maior que é a vida! Pelas risadas que demos juntos e por todas as conversas. Por me ajudar e apoiar durante a graduação.

À professora Edair Gorski pelo incentivo e oportunidade desde a Iniciação Científica.

À professora Maria Cristina Figueiredo Silva e ao professor Sérgio Menuzzi, pela atenção e valiosas sugestões na banca de qualificação. Também, por terem aceitado participar da banca desta dissertação.

Ao meu amigo de coração, Ronald Taveira, que sempre teve uma palavra amiga, solidária. Nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado, mesmo de muito longe. Também demos muitas risadas!

À minha sempre amiga Vilma, que eu admiro porque, acima de tudo, consegue ver o lado bom das pessoas.

Às amigas Isabel Monguilhott e Joana Arduin, pelos bons momentos que tivemos e pelos cafés gostosos.

A mim mesma, por ter chegado até aqui, mesmo diante de todos os obstáculos pelos quais a vida me fez passar... Por hoje ser uma pessoa feliz!

Ao meu amor... *Marcos*,

Por ter entrado em minha vida de uma forma tão inesperada e especial...

Por ser meu norte, meu porto seguro, meu horizonte...

Por me ensinar todos os dias, nas pequenas e grandes coisas da vida...

Pelo incentivo, apoio incondicional e segurança...

Por me respeitar, tranquilizar e me amar...

Pelas flores que sempre alegraram meu dia...

Pelos gestos, palavras de carinho e confiança...

Por um amor que nasceu e cresce a cada dia...

Por me fazer acreditar em algo raro: “a arte do encontro...do amor...”

Ao Cnpq pelo suporte financeiro durante toda a minha pesquisa.

Àquele que foi, é e sempre será o maior incentivador na minha vida pessoal e acadêmica! Àquele que sempre confiou em mim e que me respeita integralmente. Àquele que me diz o que preciso ouvir, mas que sabe calar quando o momento pede. Àquele que, ao meu lado, compartilhou as minhas maiores alegrias e minhas dores mais

profundas... Àquele que sempre foi e sempre será meu ídolo, pela sua honestidade, integridade, amizade e sua pureza de ser e de viver...*Àquele que sempre esteve, está e sempre estará presente na minha vida: meu pai Ademir Neves !!!*

**Ninguém se iluda. Se alguém de vocês pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte!**

**(I Coríntios, 1: 17;27)**

## Resumo

Nosso objetivo nesta pesquisa é descrever e analisar a estrutura de sentenças com o adjetivo *fácil* (CFs) em português brasileiro, tendo como base a Teoria Gerativa. Dividimos estas sentenças em dois grupos: as que apresentam o objeto do verbo infinitivo *in situ* e as que apresentam o objeto do verbo infinitivo deslocado para uma posição da sentença matriz. Estas, de acordo com Hornstein (2001) e Hicks (2004) referindo-se a sentenças em que a posição de sujeito está envolvida, resistem a uma análise simples. O principal problema das CFs aparece quando o DP objeto do verbo infinitivo ocupa a função de adjunto de um nome, de sujeito ou de objeto do verbo matriz. A análise das CFs chamadas pessoais é complexa porque o objeto, originado em posição de Caso acusativo, acaba na posição de Caso nominativo. Se esta estrutura é derivada por movimento, teríamos uma cadeia ilícita com dois Casos.

## **Abstract**

Our objective in this research is to describe and analyze the structure of sentences with the adjective *easy* (CFs) in Brazilian Portuguese, having as basis the Generative Theory. We have divided these sentences into two groups: the ones that present the object of the infinitive verb *in situ* and the others that present the object of the infinitive moved to a position in the main sentence. These, according to Hornstein (2001) and Hicks (2004), referring to sentences in which the position of the subject is involved, resist to a simple analysis. The main problem of the CFs becomes evident when the object DP of the infinitive verb fits into the function of an adjunct of a noun, either as subject or the object of the main verb. The analysis of the CFs called personal is complex because the object, originated from the position of the accusative Case, ends at the position of the nominative Case. If this structure is derived from movement, we would have an illicit chain with two Cases.

## Sumário

<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo 1</b>	3
1.1 Adjunto adnominal <i>versus</i> predicativo	3
1.2 Os adjetivos e suas propriedades de seleção	8
1.2.1 Os adjetivos que selecionam DPs	9
1.2.2 Adjetivos que selecionam argumentos sentenciais	11
1.3 Caracterização do problema	16
1.4 Resumo do capítulo	18
<b>Capítulo 2</b>	19
2.1. Abordagens que descrevem as CFs	19
2.1.1 Léger (2001, 2006)	19
2.1.2 Perini (1976)	24
2.1.3 Galves (2001)	27
2.2 Análises que se debruçam exclusivamente sobre os problemas analíticos das CFs	29
2.2.1 Chomsky (1977)	29
2.2.2 Chomsky (1981)	30
2.2.3 Hornstein (2001)	32
2.2.4 Hicks (2004)	33
2.2.5 Guérin (2006)	37
2.2.6 Sportiche (2006)	39
2.5 Resumo do capítulo	41
<b>Capítulo 3</b>	42
3.1 Sentenças “impessoais” com o adjetivo <i>fácil/difícil</i>	42
3.2 Sentenças “pessoais” com o adjetivo <i>fácil</i>	47
3.2.1 Quando o adjetivo <i>fácil</i> é adjunto adnominal	49



3.2.2 Quando o adjetivo <i>fácil</i> é predicativo	48
3.2.2.1 Quando o sujeito controla argumento externo do verbo encaixado	50
3.2.2.2 Quando o sujeito controla o argumento interno do verbo encaixado	50
3.2.2.2.1 Sentenças que apresentam o adjetivo <i>fácil</i> sem o infinitivo	50
3.2.2.2.2 Sentenças plenas	52
3.3 A análise adotada	55
3.4 Resumo do capítulo	58
<b>Conclusão</b>	59
<b>Referências Bibliográficas</b>	61

## Introdução

As sentenças com o adjetivo *fácil*, chamadas por nós de *construções fáceis* (CFs), requerem uma análise complexa por diversas razões. Nesta dissertação, temos o propósito de discutir os problemas que envolvem as CFs no português brasileiro (PB). Estas sentenças podem ser classificadas em dois grupos. As que pertencem ao primeiro grupo apresentam o objeto do verbo infinitivo *in situ*; as do segundo grupo apresentam o objeto do verbo infinitivo deslocado em uma posição da sentença matriz. O problema principal das CFs surge quando o DP objeto do verbo infinitivo ocupa a função de adjunto de um nome, de sujeito ou de objeto do verbo matriz. O segundo problema, que surge relacionado com o primeiro, é a presença ou ausência de uma preposição *de* ou, mais raramente, *para* introduzindo a sentença infinitiva. E o terceiro, específico do PB, é que o DP deslocado em posição A pode controlar o PRO sujeito da infinitiva.

Analisar as CFs do segundo tipo é particularmente complicado porque o objeto, originado em posição A [+caso], acaba em outra posição A [+caso]. Se esta estrutura é derivada por movimento, teríamos uma cadeia A atípica com dois casos. Em termos minimalistas, teríamos o traço *u*Caso do DP checado duas vezes, o que é ilícito. É complicado também gerar o objeto do verbo infinitivo na posição A da sentença matriz num modelo que assume que o Critério Temático se aplica na DS.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos alguns dados referentes ao *corpus* da região urbana de Florianópolis, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Lingüística urbana na Região Sul (VARSUL). Também utilizamos sentenças retiradas dos artigos por nós estudados e sentenças produzidas ou julgadas por outros falantes do PB.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentamos o comportamento dos adjetivos, suas propriedades de seleção e seu funcionamento como adjunto adnominal e predicativo. Ainda neste capítulo, são apresentados os problemas que envolvem as CFs. Este capítulo interessa porque a análise de diversos tipos de adjetivos nos possibilita uma comparação com os adjetivos do tipo *fácil*.

No segundo capítulo, resenhamos várias análises desenvolvidas para tratar das CFs. Na primeira seção agrupamos as análises que se dedicam a descrever com mais ou menos detalhes o comportamento dos adjetivos do tipo *fácil*. Para isto, vemos Léger (2001, 2006), Perini (1976) e Galves (1991). Léger afirma que as propriedades semânticas dos adjetivos é que determinam o tipo dos complementos que eles

selecionam. Perini (1976) descreve a ambiguidade do adjetivo *duro* nas CFs e Galves (2001) levanta o problema do PB de que o DP na posição A da sentença matriz pode controlar tanto o objeto como o sujeito das infinitivas encaixadas.

Na segunda seção, são apresentadas análises de vários autores sobre as CFs, como Chomsky (1977, 1981), Hornstein (2001), Hicks (2004), Guérin (2006) e Sportiche (2006). Estes trabalhos são particularmente importantes porque desenvolvem análises sobre a parte sintática dessas estruturas como papel temático e Caso, problemas de difícil solução no modelo P&P. Chomsky (1977) inicia a tradição prestigiosa de que as CFs envolvem o movimento de um operador nulo. Chomsky (1981), postula que as construções envolvem um processo de reanálise que transforma *easy to please* ‘fácil de agradar’ em um predicado complexo que possibilita o movimento do objeto do verbo infinitivo. Hornstein (2001) afirma que o adjetivo atribui papel temático ao DP que é seu sujeito e que é movido da posição de objeto do verbo infinitivo por movimento lateral. Hicks (2004) argumenta que as CFs compartilham propriedades do movimento A e movimento A’ e postula que o DP na posição A da sentença matriz é parte de um DP mais complexo; este DP contém todos os traços necessários para o sistema de checagem. Guérin (2006) fornece evidência de que diferenças morfológicas, observadas nas preposições *à* e *de* do francês, refletem diferenças sintáticas: a preposição *de* é o núcleo de IP enquanto a preposição *à* é o núcleo do CP. E, finalmente Sportiche (2006) elabora uma versão nova de movimento assumindo que, se um constituinte é movido, então ele pode ser reconstruído e interpretado na posição de onde ele é movido; o que é movido nas CFs é um NP e esse movimento se faz para a posição de complemento de um D gerado na posição A da sentença matriz.

No terceiro capítulo, tratamos somente de sentenças que contêm os adjetivos *fácil/difícil*. Fazemos uma descrição dos tipos de estruturas em que os adjetivos ocorrem, focalizando as particularidades do PB. Tratamos das estruturas em que o objeto do verbo encaixado como complemento do adjetivo permanece *in situ* e daquelas em que o objeto é deslocado, o deslocamento podendo ser para uma posição A ou A’. Na discussão contida neste capítulo, acrescentamos as CFs em que o adjetivo *fácil* funciona como adjunto do nome e em que o DP deslocado é marcado excepcionalmente por caso por um verbo transitivo da sentença matriz, fenômeno pouco explorado nas discussões sobre estas construções.

## Capítulo 1

Este capítulo está centrado no comportamento dos adjetivos, sua função sintática e suas propriedades de seleção. Ele objetiva assentar uma base de comparação dos adjetivos em geral com os do tipo *fácil/difícil*.

O capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte, abordamos as funções sintáticas dos adjetivos: tradicionalmente adjunto adnominal e predicativo. Também analisamos os adjetivos e suas propriedades de seleção, apresentando aqueles que selecionam DPs como argumento e outros que selecionam argumentos sentenciais. Na segunda parte, expomos os problemas envolvidos nas CFs.

### 1.1 Adjunto adnominal *versus* predicativo

Os adjetivos assumem as funções sintáticas que tradicionalmente são chamadas de adjunto adnominal e predicativo. As duas funções podem ser notadas em (1):

- (1) a. O caminho perigoso era evitado.  
a' [DP O caminho perigoso]<sub>i</sub> era evitado<sub>t<sub>i</sub></sub>  
b. O caminho parecia perigoso.  
b'. [DP O caminho]<sub>i</sub> parecia [SC t<sub>i</sub> perigoso].

Em (1a) *perigoso* funciona como adjunto adnominal e em (1b) como predicativo. Como afirmam Mioto *et alii* (2004), um adjetivo é reconhecido como adjunto adnominal quando ele pertence a um DP, isto é, quando é dominado por um DP. Como representamos com os colchetes em (1a') o adjetivo *perigoso* pertence ao DP. Observe em (1a') que *o caminho perigoso* foi movido da posição de argumento interno do participio para a posição de sujeito da sentença passiva e, por isso, deduzimos que forma um constituinte. Assim, o adjetivo *perigoso* só pode ser adjunto adnominal e, por isso, é representado como adjunto do NP.

Um adjetivo é reconhecido como predicativo quando ele não pertence a ou não é dominado por um DP. Neste caso, é assumido que o adjetivo faz parte de uma *small clause*<sup>1</sup> funcionando como predicado de um argumento. Em (1b) temos um adjetivo

---

<sup>1</sup> *Small clause* é “uma predicação que se estabelece entre um constituinte que é sujeito e um outro que é predicado sem que o núcleo desse predicado seja um verbo (ou uma flexão verbal)” (Mioto *et alii*, 2004: 107).

predicativo. Veja em (1b') que o adjetivo *perigoso* não pertence ao DP, pois apenas *o caminho* foi movido para a posição de sujeito. Se o adjetivo permaneceu após o verbo é porque ele não pertence ao DP.

Nos dois exemplos de (1) reconhecemos sem hesitação as funções do adjetivo porque há evidências para isso. Se, por um lado, o adjetivo está junto com o sujeito no Spec do IP, ele vai ser adjunto adnominal, como em (1a), porque nesta situação é claro que o adjetivo pertence ao DP. Se, por outro lado, o adjetivo está separado do DP do qual ele é predicado por um verbo, ele vai ser sempre predicativo, como em (1b), porque nesta situação também é claro que ele não pertence ao DP.

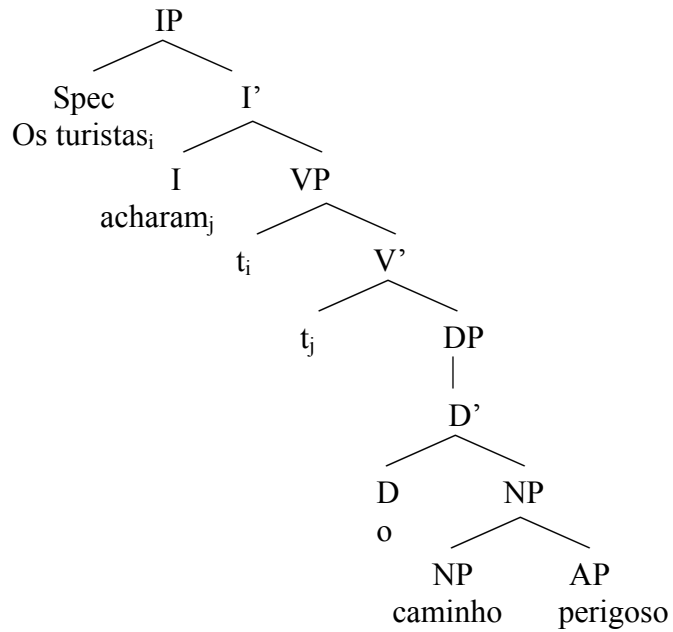
Às vezes, a ordem linear dos constituintes da sentença não permite saber qual é a função de um adjetivo. Tal acontece numa sentença, como (2a):

- (2)
- a. Os turistas acharam o caminho perigoso.
  - b. Os turistas acharam o caminho que era perigoso.
  - c. Os turistas acharam que o caminho era perigoso.

Observe que (2a) é uma sentença ambígua e seus dois sentidos podem ser parafraseados como (2b) e (2c). Quando (2a) tem o sentido de (2b) o verbo *achar* significa *encontrar* e o adjetivo *perigoso* é adjunto do nome. Porém, quando (2a) tem o sentido de (2c) o verbo *achar* significa *considerar* e o adjetivo é predicativo.

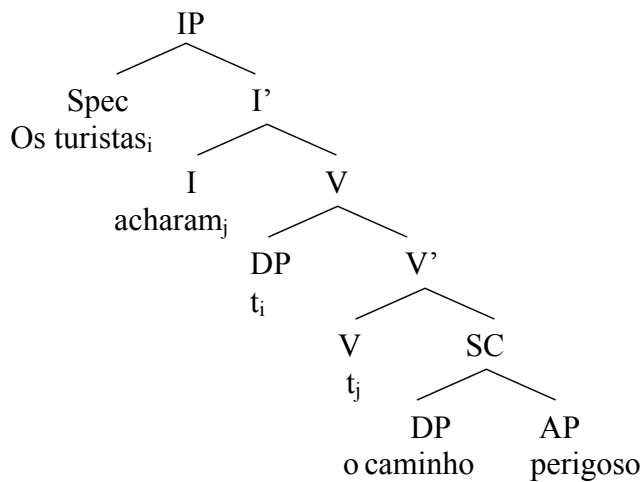
Assim, a estrutura da sentença (2a), quando significa (2b), é (2b'), na próxima página:

(2b')



Em (2b') o adjetivo *perigoso* dominado pelo DP *o caminho* aparece como adjunto do NP. Já a representação de (2a) significando (2c) é (2c'):

(2c')



A partir de (2b') e (2c') percebemos que *o caminho perigoso* apresenta uma ambigüidade estrutural. Como mostram Franchi *et alii* (1998), o processo de clivagem, por envolver movimento de constituinte, permite comprovar que são duas as estruturas em questão: se clivarmos o constituinte *o caminho perigoso*, como em (3a), sabemos que o adjetivo pertence ao DP e que o sentido da sentença clivada é semelhante ao de

(2b); se clivarmos apenas o constituinte *o caminho*, como em (3b), sabemos que o adjetivo não pertence ao DP e que o sentido da clivada é semelhante ao de (2c)<sup>2</sup>.

- (3) a. Foi o caminho perigoso que os turistas acharam.  
b. Foi o caminho que os turistas acharam perigoso.

A análise da sentença (2a) é semelhante à de (4a), apesar da presença da preposição *de* e do infinitivo *percorrer*. Neste caso, o adjetivo *perigoso* tem um argumento: *de percorrer*.

- (4) a. Os turistas acharam o caminho perigoso de percorrer.  
b. Os turistas acharam o caminho que era perigoso de percorrer.  
c. Os turistas acharam que o caminho era perigoso de percorrer.

Veja que as funções de adjunto adnominal e predicativo também aparecem em (4a), que é ambígua. Seus dois sentidos são parafraçados em (4b) e (4c). O verbo *achar* em (4b) significa *encontrar* e *perigoso de percorrer* só pode ser adjunto. Em (4c) o verbo *achar* significa *considerar* e *perigoso de percorrer* é predicativo. Podemos, como foi feito acima, analisar as duas sentenças em questão através do teste da clivagem: se clivarmos o constituinte *o caminho perigoso de percorrer*, como em (5a), sabemos que *perigoso de percorrer* pertence ao DP e então a clivada é semelhante a (4b); se clivarmos apenas o constituinte *o caminho*, como em (5b), constatamos que o constituinte abandonado *in situ* não pertence ao DP e a clivada tem sentido semelhante ao de (4c):

- (5) a. Foi o caminho perigoso de percorrer que os turistas acharam.  
b. Foi o caminho que os turistas acharam perigoso de percorrer.

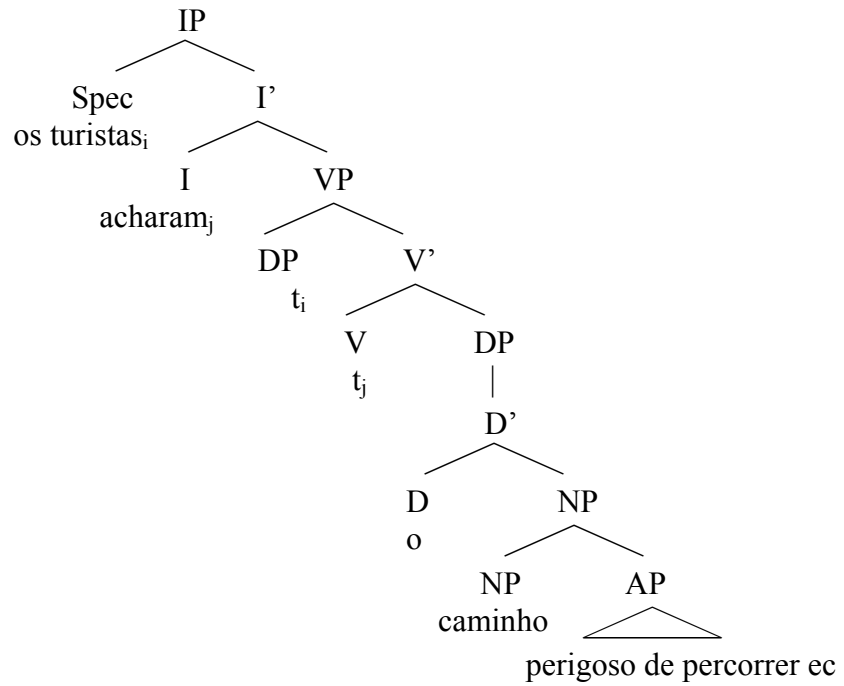
Desta forma, a estrutura da sentença (4a) quando significa (4b) é (4b'):

---

<sup>2</sup> Observe que a ambigüidade do adjetivo entre ser adjunto adnominal e predicativo não ocorre no inglês porque o predicativo vem depois do nome e o adjunto o precede. Por exemplo, a ambigüidade de (i) não aconteceria no inglês, pois esta língua teria as duas sentenças em (ii) para traduzir a única sentença do português:

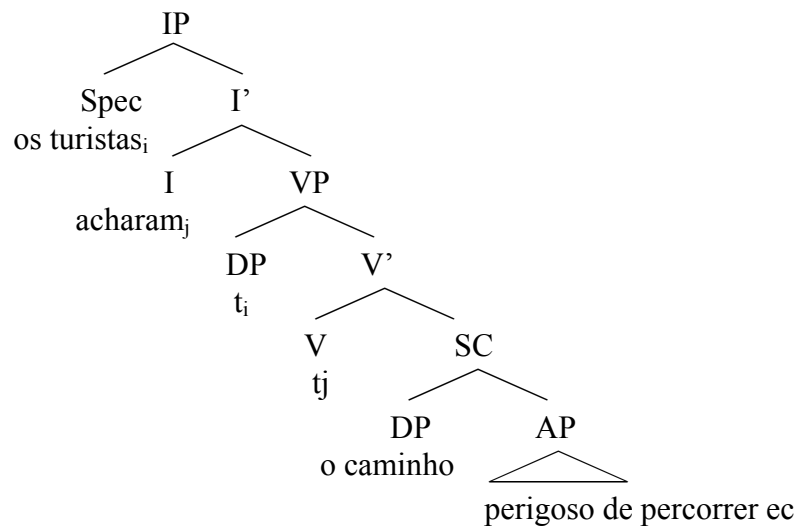
- (i) Ele comeu a carne crua.  
(ii) a. He ate the raw meat.  
b. He ate the meat raw.

(4b')



Agora veja que (4a) quando significa (4c) tem a estrutura em (4c'):

(4c')

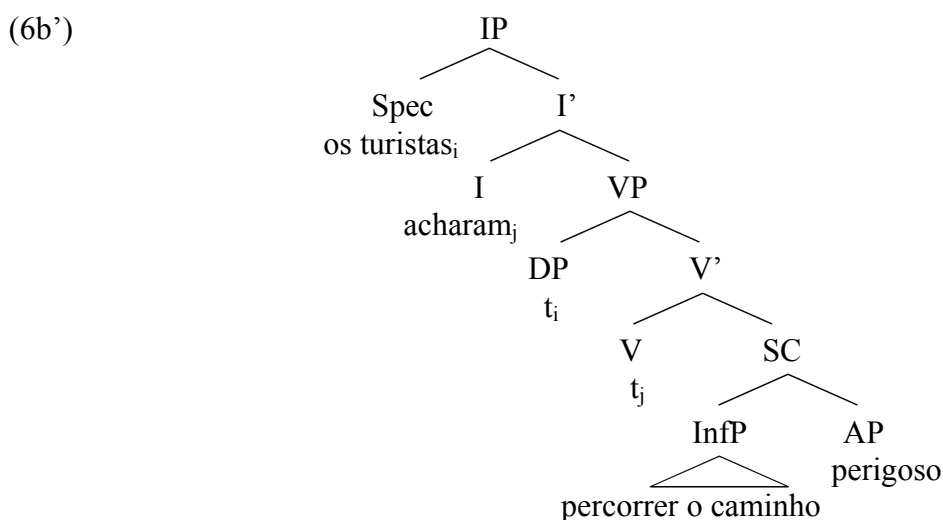


Analizamos exemplos em que o adjetivo é tipicamente um adjunto adnominal e predicativo e, em seguida, vimos casos de ambigüidade nas sentenças com adjetivo. Finalmente, veremos um caso em que não há dúvidas sobre o estatuto do adjetivo. Observe (6):

- (6) a. Os turistas acharam perigoso percorrer o caminho.  
b. Os turistas acharam [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> perigoso [<sub>INFP</sub> percorrer o caminho]<sub>i</sub>]



Esta sentença tem como sujeito da *small clause* o infinitivo (InfP) *percorrer o caminho*. Então, em (6a) não há dúvida de que o adjetivo *perigoso* é predicativo porque ele não pertence a nenhum DP e tem o InfP por argumento. Como dentro da SC em (6) o sujeito vem depois do predicado, um ou outro deve ter sido deslocado. Veja a estrutura de (6b) em (6b'), em que o adjetivo *perigoso* só pode ser predicativo:



Nesta seção vimos que o adjetivo funciona como adjunto adnominal ou predicativo. Este estudo preliminar servirá de base para tratar as CFs. Na próxima seção abordaremos os adjetivos e suas propriedades de seleção.

## 1.2 Os adjetivos e suas propriedades de seleção

Os adjetivos, quando predicados de uma SC, selecionam diferentes tipos de categoria como argumento. Nesta seção, discutimos as propriedades de seleção dos adjetivos. Vamos fazer isso porque, ao estudarmos as CFs precisamos enfrentar a questão de saber se o adjetivo *fácil/difícil* tem ou não a propriedade de selecionar um DP. Nos tratamentos de Chomsky (1977, 1982, 1995), a idéia subjacente é que o DP que acaba sendo o sujeito da sentença não é selecionado pelo adjetivo. Já no tratamento de Hornstein (2001), o sujeito é tido como argumento do adjetivo. Por isso, procuraremos descrever o comportamento dos adjetivos no que diz respeito à seleção, em especial, à c-seleção, para verificar a quais o adjetivo *fácil/difícil* se assemelha.

### 1.2.1 Os adjetivos que selecionam DPs

Há adjetivos que selecionam apenas DPs como argumento. Escolhemos para exemplificar estes adjetivos a classe dos que denotam cores, como *amarelo*:

- (7) a. A casa é amarela.  
a'. A casa<sub>i</sub> é [sc t<sub>i</sub> amarela]  
b. A felicidade é azul.  
c. \*É amarelo que João fuja da raia.  
d. \*É amarelo fugir da raia.

Estes adjetivos combinam com nomes concretos e, quando aplicados a nomes abstratos, forçam uma interpretação figurada, como em (7b). De qualquer forma, os adjetivos de cores nunca selecionam um CP nem um InfP como argumento, como mostra a agramaticalidade de (7c) e (7d), respectivamente. Em (7a') representamos que o constituinte *a casa* em (7a) é o argumento de *amarela* alçado para a posição de Spec de IP para receber seu caso.

O adjetivo *feliz* também seleciona DPs como argumento. Veja os exemplos em (8):

- (8) a. Laura é feliz.  
b. Sua intervenção foi muito feliz.  
c. Seu casamento é feliz.  
d. \*É feliz que Pedro venha.  
e. \*É feliz Pedro vir.

Veja que o adjetivo *feliz* seleciona naturalmente nomes com traço [+humano], como mostra (8a), mas se aplica também a nomes que não têm o traço [+humano] por um processo que parece ser metonímico, como vemos em (8b) e (8c): aplica-se a *casamento* e a *sua intervenção* em vez de se aplicar a pessoas casadas e a pessoas que intervêm. O que não parece ser possível é que a classe de adjetivo *feliz* selecione um argumento proposicional, como mostram (8d) e (8e).

Entretanto, há adjetivos que selecionam DPs mas têm um comportamento diferente dos anteriores, como vemos em (9):

- (9) a. A calça está justa.  
b. O julgamento foi justo.  
c. Este professor é justo.

O adjetivo *justo* pode selecionar DPs de classes semânticas diferentes, mas, quando o faz, sofre mudança de sentido caracterizando caso de ambigüidade lexical. Em (9a), *justo* é o antônimo de *largo*, o que não acontece em (9b) e (9c)<sup>3</sup>, onde o adjetivo está correlacionado com justiça e é antônimo de *injusto*. Além disso, como veremos, *justo* pode selecionar um argumento sentencial e nesse caso ele estará relacionado polissemicamente com justiça.

Outros adjetivos, como *duro*, se comportam em certos aspectos de maneira diferente dos anteriores. Pelo lado semelhante, selecionam DP e podem significar qualidade física, como *rijo* em (10a) ou qualidade moral, como *rígido*, *insensível* (10b):

- (10) a. Este osso é duro.  
b. Aquele professor é duro.

Pelo lado diferente, *duro* seleciona, como veremos, um argumento sentencial tendo comportamento semelhante ao de *fácil*.

E, por fim, temos adjetivos como *apto* que podem selecionar DPs, como em (11a):

- (11) a. A secretária está apta.  
b. A secretária está apta a desempenhar estas funções.

Entretanto, se selecionam um argumento sentencial, não deixam de selecionar também um DP, como exemplificado em (11b), onde podemos observar sua estrutura “transitiva”.

Esta discussão introdutória sobre adjetivos que selecionam DP é útil para quando tratarmos de sentenças como (12):

---

<sup>3</sup> Sem contar que *justo* ainda pode funcionar como um advérbio modificando tempo, como em (i):  
(i) Ela chegou justo quando ele saía de mansinho.

(12) O problema é difícil.

A questão, então, será considerar se os adjetivos do tipo *fácil/difícil* são capazes de selecionar apenas um DP, como aparenta ser em (12).

### 1.2.2 Adjetivos que selecionam argumentos sentenciais

Em oposição aos adjetivos que selecionam DPs, existem os adjetivos que selecionam argumentos sentenciais finitos ou infinitivos. A esta classe pertencem os adjetivos como *possível, provável*:

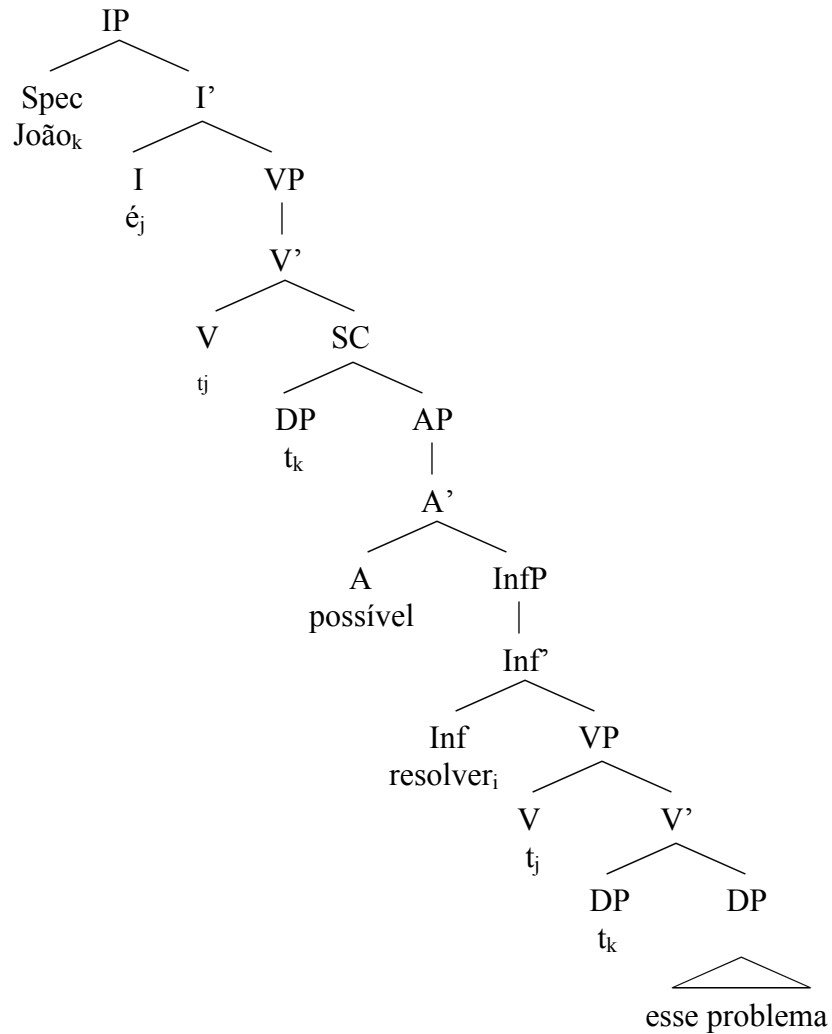
- (13) a. É possível que João resolva este problema.  
b. É possível João resolver esse problema.  
c. É possível resolver esse problema.  
d. É provável que João resolva esse problema.  
e. ??É provável João resolver esse problema.<sup>4</sup>  
f. ??É provável resolver esse problema.

Veja a estrutura da sentença (13b) em (13b'), na próxima página:

---

<sup>4</sup> Esta diferença de comportamento se neutraliza para as nominalizações destes adjetivos:  
(i) Existe a probabilidade/possibilidade de João voltar

(13b')



Estes não são propriamente qualificativos como *amarelo*, por exemplo, no sentido de que não se aplicam diretamente a um DP concreto. Esta é uma das razões que concorrem para classificá-los como modais.

O argumento infinitivo destes adjetivos não pode ser preposicionado nem com um DP nem com um PRO com interpretação arbitrária na posição de sujeito:

- (14) a. ??É possível de (João/PRO) resolver este problema.  
b. \*É provável de (João/PRO) resolver este problema.

Também não parece ser possível a construção de uma sentença com um PRO obrigatoriamente controlado:

- (15) a. \*João<sub>i</sub> é possível de PRO<sub>i</sub> resolver o problema.  
b. \*João<sub>i</sub> é provável de PRO<sub>i</sub> resolver o problema.

Entretanto, as sentenças com *possível* e *provável* parecem se comportar assimetricamente quando o objeto do verbo encaixado aparece como sujeito da cópula, construções semelhantes às do tipo *fácil*.

- (16) a. O problema<sub>i</sub> é possível de PRO resolver ec<sub>i</sub>.  
b. \*O problema<sub>i</sub> é provável de PRO resolver ec<sub>i</sub>.

Veja que a sentença (16a) é gramatical com o adjetivo *possível*, tendo o objeto do verbo encaixado como sujeito do verbo matriz. Já a sentença (16b) é agramatical com o adjetivo *provável* que apresenta uma restrição quanto ao sujeito anteposto ao verbo matriz. Para terminar com os adjetivos da classe de *possível/provável*, observamos que podem se aplicar a DPs, mas, em geral, esses DPs contêm um nome deverbal:

- (17) a. A solução do problema é possível.  
b. A solução do problema é provável.

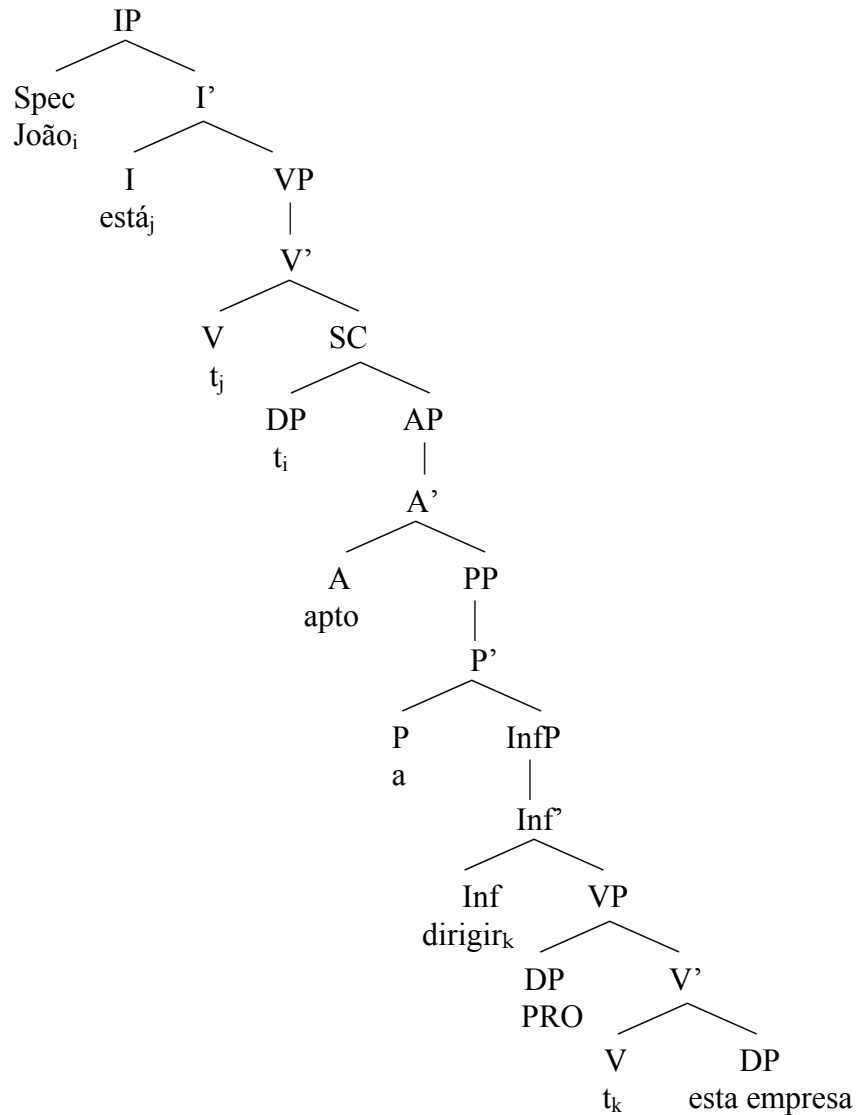
Estes DPs preservam as propriedades semânticas [+evento] daquilo que é modalizado pelos adjetivos.

Outra classe de adjetivos que selecionam argumento sentencial é a classe de *apto*, que retomamos agora. A propriedade mais saliente destes adjetivos é que eles são transitivos no sentido de que selecionam dois argumentos:

- (18) João<sub>i</sub> está apto a PRO<sub>i</sub> dirigir esta empresa.

Veja a estrutura da sentença (18) em (18') na outra página:

(18')



Como queremos explicitar com a árvore em (18'), o adjetivo *apto* marca tematicamente o DP *João*, que é o sujeito da *small clause* que tem *apto* como núcleo do predicado. Além disso, o complemento do adjetivo é obrigatoriamente um InfP com um PRO obrigatoriamente controlado como sujeito. Assim, o complemento de *apto* não pode ser nem um InfP com uma categoria vazia em posição de objeto, como em (19a), nem um CP como mostra (19b,c):

- (19) a. \*Esta empresa<sub>i</sub> está apta a João dirigir ec<sub>i</sub>.  
b. \*Esta empresa<sub>i</sub> está apta a que João (a) dirija ec<sub>i</sub>.  
c. \*Esta empresa está apta a que seja dirigida por João.

Desta forma, o comportamento do adjetivo *apto* é bastante diferente do dos adjetivos da classe de *possível* mesmo tendo em vista que as duas classes selecionam argumentos sentenciais. *Apto* apresenta comportamento semelhante aos verbos de controle, como *tentar*.

Se considerarmos agora adjetivos como *capaz*, vemos que eles são ambíguos e têm um comportamento semelhante, por um lado, aos adjetivos do tipo *apto* e, por outro, aos adjetivos do tipo *possível*:

- (20) a. João é capaz de dirigir esta empresa. (≡ *apto*)  
b. João é capaz (≡ *apto*)  
b. É capaz que João resolva este problema. (≡ *possível*)

Por fim, reconsideremos rapidamente os adjetivos da classe *duro* no sentido em que selecionam argumento sentencial (ver Perini (1976), que abordaremos em detalhe adiante). Como dissemos, este adjetivo se comporta como *difícil*, sendo o escolhido em inglês para designar as construções que nos interessam nesta dissertação: *tough constructions*. As construções em que o adjetivo *duro* figura são exemplificadas em (21):

- (21) a. É duro roer este osso.  
b. É duro de roer este osso.  
c. Este osso é duro de roer.

Neste particular, *duro* se comporta como *difícil*, mas deixa pelo menos uma dúvida: será que em (21c) se pode dizer que *este osso* é selecionado por *duro* ou é apenas o objeto de *roer*. Observe que temos a sentença (10a), aqui repetida como (22a), que sugere que esse pode ser o caso.

- (22) a. Este osso é duro.  
b. \*Esse osso é difícil.

Se *duro* fosse substituído por *difícil* em (21c), a resposta para a pergunta deveria ser que, com certeza, *esse osso* não é selecionado, dada a impossibilidade de (22b).



Resumindo o que foi visto até então, procuramos descrever o comportamento dos adjetivos e suas propriedades de seleção, tendo por finalidade construir uma base de comparação com o comportamento dos adjetivos do tipo *fácil/difícil*. Vimos adjetivos que selecionam DPs argumento, como *amarelo* e os adjetivos *capaz* e *apto* que podem selecionar dois argumentos. Já o adjetivo *duro* seleciona tanto DP como um constituinte sentencial e apresenta dois sentidos: o de ‘rijo’ e o de ‘difícil’. Vimos analisando esses adjetivos para chegarmos ao foco da questão: saber qual a estrutura dos adjetivos do tipo *fácil*, qual categoria sintática eles selecionam e se são capazes de selecionar apenas um DP.

### 1.3 Caracterização do problema

Até aqui fizemos um estudo dos adjetivos, suas funções sintáticas e suas propriedades de seleção. Verificamos que um adjetivo pode funcionar como adjunto adnominal ou predicativo. Vimos também que um adjetivo como *amarelo* seleciona apenas um DP como sujeito e que podemos ter adjetivos como *possível/provável* que selecionam argumentos sentenciais. Fizemos esse rastreamento para podermos chegar aos problemas que envolvem as CFs

As CFs não apresentam uma análise simples por várias razões. Para apontar quais são elas, pelo menos para um modelo analítico como o de *Government and Binding* (GB), consideremos (23):

(23) As crianças são fáceis de agradar.

Em (23) sabemos que o DP *as crianças* é sujeito de *são* e que o adjetivo *fáceis* é predicativo, pois claramente não pertence ao DP do qual é predicado. Sabe-se, portanto, que tanto o sujeito quanto o adjetivo devem formar uma SC:

(24) \*As crianças<sub>i</sub> são [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> fáceis de agradar]

Entretanto, esta SC não pode se formar porque *as crianças* não parece ter relação temática com *fáceis*, isto é, *fácil* não é como *amarelo* ou *feliz*, que selecionam um DP como sujeito na SC:

- (25) a. ??As crianças são fáceis.  
b. As crianças são felizes.

Se *fácil* selecionasse um DP como *as crianças*, (25a) deveria ser uma sentença bem formada sem que um constituinte como *de agradar* fosse pressuposto. Dessa impossibilidade é que nascem todas as dificuldades para analisar as CFs.

Veja que a análise de uma sentença como (26a), onde temos o adjetivo *capaz*, já não apresenta as dificuldades apontadas:

- (26) a. As crianças são capazes de agradar os pais.  
b. As crianças<sub>i</sub> são [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> capazes de agradar os pais]

Agora a estrutura (26b) é bem formada já que o DP *as crianças* recebe seu papel temático do adjetivo *capaz* e acaba na posição de sujeito da sentença para ser marcado por nominativo.

Uma vez que se concorda que o DP *as crianças* não pode ser o sujeito da SC selecionada pelo verbo *ser* em (23), surge o problema principal das CFs. Este provém da observação de que o DP *as crianças* tem o papel temático de experienciador da posição de argumento interno do verbo *agradar*, como mostra (27a):

- (27) a. É fácil de agradar as crianças.  
b. \*As crianças<sub>i</sub> são fáceis [<sub>CP</sub> de agradar t<sub>i</sub>]  
c. \*As crianças<sub>i</sub> são fáceis de agradar ec<sub>i</sub>.

Porém, (27b) não é uma derivação possível para (23) por duas razões interligadas. A primeira é que o DP *as crianças* não poderia ser movido da posição de argumento interno do verbo transitivo, onde recebe caso acusativo, para o Spec do IP matriz, onde será marcado por caso nominativo: o resultado é que teríamos um vestígio t em posição marcada por caso. O DP em questão seria movido por cima de um CP para pousar na posição argumental de Spec de IP, o que não é admitido para as cadeias argumentais: o vestígio, que é uma anáfora, não teria seu antecedente na categoria de regência. A segunda razão, destacada em Chomsky (1995), é que o DP *as crianças* não poderia ser gerado no Spec do IP, pois esta é uma posição não-temática, posição imprópria para

receber um argumento na DS. Em correlação direta com essa razão, seria difícil estabelecer qual a categoria vazia deixada na posição de objeto do verbo *agradar*: não deveria ser um *pro*, categoria prototípica das posições de sujeito; não poderia ser uma variável se o antecedente está em posição argumental; não poderia ser um PRO já que a posição é regida (e marcada por caso acusativo).

Comparando novamente (23) com (26a), vemos que nenhum destes problemas se localiza na segunda. Nesta, o DP *as crianças* é gerado em uma posição temática, recebe apenas um caso (a posição do seu vestígio é sem caso), e a categoria vazia controlada pelo DP em questão é um PRO na posição não regida de sujeito da sentença infinitiva.

Então, temos problemas nas sentenças do tipo como (27b). Isto porque o DP não pode sair da posição de argumento interno do verbo encaixado, onde recebe caso acusativo, para a posição de sujeito do verbo matriz, lugar em que é marcado por nominativo. Assim, teríamos uma cadeia mal formada marcada com dois casos.

#### **1.4 Resumo do capítulo**

Os adjetivos podem assumir as funções sintáticas de adjunto adnominal e predicativo. Um adjetivo é reconhecido como adjunto adnominal quando pertence a um DP e como predicativo quando não pertence a um DP e faz parte de uma SC. Os adjetivos selecionam diferentes tipos de categoria como argumento quando predicados de uma SC. Há adjetivos, como *amarelo*, que selecionam apenas DPs como argumento; outros, como *possível*, selecionam argumentos sentenciais; outros, como *apto* selecionam um DP e um complemento sentencial; e, por fim, outros, como *duro*, são ambíguos e um dos sentidos os faz pertencer à classe dos adjetivos do tipo *fácil/difícil*.

### **Capítulo 2**

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira estudamos os adjetivos e suas propriedades, visando a uma base de comparação com os adjetivos do tipo *fácil*. Para tanto, baseamo-nos nos trabalhos de Léger (2001, 2006), que afirma serem as propriedades semânticas dos adjetivos que determinam o tipo de argumento que eles selecionam; Perini (1976), que constata a ambigüidade do adjetivo *duro* e o estuda na sentença *Este osso é duro de roer*; e Galves (2001), que afirma que as sentenças com o

adjetivo *facil* são ambíguas no PB. Na segunda parte focalizamos as análises desenvolvidas para tentar dar conta dos problemas que envolvem as CFs.

Para tal, apresentamos a análise chomskyana do constituinte Wh e do operador nulo. A seguir, vemos a análise de Hornstein, que defende ser o adjetivo que atribui papel temático ao DP. Depois apresentamos a análise de Hicks que afirma que as sentenças *easy to please* compartilham propriedades do movimento A e movimento A'. Depois, temos Guérin defendendo a evidência de que diferenças morfológicas refletem diferenças sintáticas. Finalmente, vemos a análise de Sportiche que afirma ser a reconstrução um processo necessário para que haja movimento de constituinte.

## 2.1 Abordagens que descrevem as CFs

### 2.1.1 Léger (2001, 2006)

Léger (2001, 2006) enquadra os adjetivos em três classes: a classe do tipo *facile* 'fácil', como em (1); a dos adjetivos como *urgent* 'urgente' / *content* 'contente' em (2) e dos adjetivos como *probable* 'provável' e *convaincu* 'convencido' em (3).

- (1) Il est facile de convaincre Jean.  
É fácil de convencer Jean.  
'É fácil convencer Jean'.
- (2) Il est urgent d'écrire cette lettre.  
É urgente de escrever esta carta.  
'É urgente escrever esta carta.
- (3) Jean est convaincu de partir.  
Jean é convencido de partir.  
'Jean está convencido a partir.

Rochette (1988, apud Léger 2001:8) estabelece a existência de três classes de verbos: os verbos do tipo *effectif* 'efetivo', como *commencer* 'começar', do tipo *émotif* 'emotivo', que são os psicológicos como *souhaiter* 'desejar' e do tipo *propositionnel* 'proposicional', como *croire* 'crer'. Léger (2001) estende esta classificação para os adjetivos e os classifica como efetivos, emotivos e proposicionais.

A propósito dos adjetivos, observe os exemplos em (4):

- (4) a. Jean est résolu à partir.  
Jean é resolvido a partir  
'Jean está resolvido a partir'
- b. Jean est desolé de partir.  
Jean é desolado de partir  
'Jean está desolado de partir'
- c. Jean est sûr de venir ce soir.  
Jean é seguro de vir esta noite  
'Jean está seguro de vir esta noite'

Em (4a) o adjetivo *résolu* 'resolvido' seleciona uma atividade que é a de partir. Em (4b) *desolé* 'desolado' seleciona um evento como argumento, o evento de *partir*. E em (4c) o adjetivo *sûr* 'seguro' seleciona uma proposição como argumento: *vir esta noite*.

As propriedades semânticas dos adjetivos determinam o tipo dos complementos que eles selecionam. Então, assim como os verbos, os adjetivos impõem o mesmo tipo de restrição ao que pode ser seu complemento. Analisando o francês, a autora aponta que os adjetivos do tipo *facil* são membros de uma classe, que ela chama de *effective adjectives* (adjetivos efetivos) e estes selecionam uma ação como argumento. Os adjetivos efetivos não podem selecionar estados, ou seja, não podem ter complemento estativo, como exemplificado em (5):

- (5) \*Cette maison est facile à posséder.  
Esta casa é fácil a possuir.  
'Esta casa é fácil de possuir'.

Os adjetivos efetivos são particularmente difíceis de analisar por duas razões. A primeira razão é que podem aparecer sem a ação selecionada, ou seja, sem *à+infinitivo*<sup>5</sup>, como mostra (6).

---

<sup>5</sup> Segundo Léger, a sentença sem InfP é agramatical no francês quando o DP é incompatível com o adjetivo. Veja (i), em que o DP *le cassoulet* (um prato parecido com feijoada) parece incompatível com o adjetivo *difficil*:

(i) ?Le cassoulet est difficile.  
'O cassoulet é difícil'

- (6) Cet enfant est facile.  
Esta criança é fácil  
'Esta criança é fácil'

A segunda razão é que certos adjetivos desta classe permitem sujeitos que são interpretados como objeto do verbo no infinitivo, como é o caso de *fácil/difícil* em (7a/b):

- (7) a. Ce livre est facile à lire.  
Este livro é fácil a ler.  
'Este livro é fácil de ler'.  
b. Jean est difficile à convaincre.  
Jean é difícil a convencer.  
'Jean é difícil de convencer'.

Outros adjetivos desta mesma classe, como *prompt* 'pronto', permitem apenas sujeitos que são interpretados como agente do verbo no infinitivo, como em (8).

- (8) Jean est prompt à offrir ses excuses.  
Jean é pronto a oferecer suas desculpas.  
'Jean está pronto para oferecer suas desculpas'.

A classe dos adjetivos efetivos só apresenta complementos no infinitivo e descreve como se avalia o sujeito frente à performance de uma ação. Este complemento é desprovido de informação temporal e não é temporalmente independente do acontecimento da sentença matriz. Desta forma, a categoria semântica ação é realizada como uma projeção verbal (VP) e não como uma sentença (IP).

Os predicados efetivos também podem selecionar um DP como sujeito:

- (9) a. La rédaction de ce livre est difficile.  
A redação deste livro é difícil.
-

‘A redação deste livro é difícil’.

b. Rédiger ce livre est difficile.

Redigir este livro é difícil.

‘Escrever este livro é difícil’.

A sentença (9a) tem o DP *a redação deste livro* como sujeito, ou seja, o verbo *redigir* foi nominalizado. Já (9b) tem o constituinte VP *redigir este livro* como sujeito.

As sentenças que contêm adjetivos efetivos são pessoais ou impessoais:

(10) a. Jean est difficile à convaincre.

Jean é difícil a convencer.

‘Jean é difícil de convencer’.

b. Il est difficile de convaincre Jean.

Expl é difícil de convencer Jean.

‘É difícil convencer Jean’.

c. Ce livre est facile à lire.

Este livro é fácil a ler.

‘Este livro é fácil de ler.’

d. Il est facile de lire ce livre.

Expl é fácil de ler este livro

‘É fácil ler este livro

Em (10a) e (10c) temos sentenças do tipo pessoal, pois possuem a estrutura linear *DP + être + adjetivo + à + infinitivo*. Já (10b) e (10d) são impessoais e apresentam a estrutura linear *il + être + adjetivo + de + infinitivo*. As sentenças pessoais têm um DP temático como sujeito e as impessoais têm o expletivo *il*. Em geral, os autores não diferenciam sentenças pessoais e impessoais e atribuem a elas interpretações semânticas equivalentes. Entretanto, afirma Léger, (10c) pode ser parafraseada como *este livro é de leitura fácil*. (10d) é parafraseada com *qualquer pessoa pode facilmente ler esse livro*. Ou seja, em (10c) *ce livre* funciona como um tipo de tópico sobre o qual *est facile à lire* predica. Já em (10d), como *ce livre* não está destacado do predicado, o predicado *fácil* predica sobre a atividade *lire ce livre*. Assim, percebe-se que as sentenças têm uma interpretação semântica diferente.

Os adjetivos do tipo *apte* ‘apto’ também pertencem à classe dos efetivos, mas só podem ser pessoais:

(11) a. Paul est apte à diriger le département.

Paul é apto a dirigir o departamento.

‘Paul está apto a dirigir o departamento’.

Quando temos *apte* ‘apto’ numa sentença como em (11), o sujeito *Paul* do verbo matriz *est* é interpretado como agente do verbo no infinitivo. Já nos adjetivos do tipo *facil*, como em (10c) o sujeito do verbo principal é interpretado como o tema do verbo infinitivo.

Há adjetivos que aparentemente pertencem ao mesmo tipo dos efetivos e são de dois tipos: os adjetivos de qualidade moral e os adjetivos de habilidade. Os adjetivos de qualidade moral (psicológicos) selecionam a preposição *de* e os de habilidade a preposição *à*, respectivamente:

(12) a. Jean est stupide de poser sa candidature à ce poste.

Jean é estúpido de pôr sua candidatura a este posto.

‘Jean é estúpido de pôr sua candidatura a este posto.’

(13) b. Jean est habile à déjouer ses adversaires.

Jean é hábil a dispensar seus adversários.

‘Jean é hábil de dispensar seus adversários’.

Os adjetivos em (12) e (13) apresentam duas características que são típicas dos adjetivos efetivos. Primeiro, eles selecionam exclusivamente complementos no infinitivo como argumento. Segundo, não selecionam predicados estáticos como complemento:

(14) a. \*Jean est stupide d’être grand/de connaître Marie.

Jean é estúpido de ser grande/de conhecer Marie.

b. \*Jean était expert à détester les artichauts/à être peintre.

Jean era esperto a detestar as alcachofras/a ser pintor



Resumindo, Léger faz um estudo dos adjetivos efetivos e das imposições seletivas que eles apresentam. As propriedades principais dos efetivos é que eles selecionam apenas complementos no infinitivo e selecionam uma ação como argumento. A autora também estuda os adjetivos de qualidade moral e de habilidade que se parecem superficialmente com os adjetivos efetivos, pois apresentam complementos apenas no infinitivo e não selecionam complementos estativos.

### 2.1.2 Perini (1976)

Perini (1976) investiga sentenças que apresentam o adjetivo *duro* para justificar a regra de alçamento de objeto. Ele parte da ambigüidade do adjetivo *duro* e mostra que este adjetivo tem dois significados: *rijo* em (15) e *difícil, penoso* em (16)<sup>6</sup>:

(15) Este osso é duro.

(16) A prova foi dura.

Em (16), o adjetivo combina com o nome abstrato *a prova* e seu sentido equivale a *difícil*. Em (15) o adjetivo combina com um nome com os traços [-abstrato], e seu sentido é ‘rijo’, o antônimo de ‘mole’. A ambigüidade do adjetivo serve para mostrar as suas propriedades de seleção: se significar ‘rijo’ seleciona sujeito [-abstrato]; se significar ‘difícil’ seleciona sujeito [+abstrato]<sup>7</sup>.

Entretanto, há situações em que o sujeito do adjetivo é [-abstrato] e, ainda assim, ele significa ‘difícil’. Sentenças do tipo (17) contradizem o argumento de que o adjetivo *duro*, no sentido de ‘difícil’, seleciona apenas sujeitos abstratos:

(17) Este osso é duro de roer.

Neste caso, o DP *este osso* é concreto e é sujeito do adjetivo *duro* e seu sentido é de *difícil*. A sentença (17) parece uma exceção sobre a restrição seletiva de *duro* ‘difícil/penoso’ porque *este osso é duro* não pode significar *este osso é difícil*, mas com

---

<sup>6</sup> Perini não se interessa, talvez porque não seja relevante para sua argumentação, pelo terceiro significado de *duro*, que é de ‘rígido’, que aparece em sentenças como (i):

(i) Este treinador é duro.

<sup>7</sup> Dentre os sujeitos abstratos que *duro* pode selecionar se encontram os oracionais:

(i) Roer este osso é duro.

infinitivo isto é possível. Quando há infinitivo, como em (17), o adjetivo *duro* pode significar ‘difícil’.

Em termos de seqüência, existem dois tipos de sentenças: as do tipo (15) e (16) e as representadas pela sentença (17). As sentenças em (15) e (16) têm a estrutura *DP + ser + Adj* e (17) apresenta a estrutura *DP+ ser+ Adj de V*. Nas sentenças sem infinitivo *duro*, no sentido de ‘difícil’, exige um DP [+abstrato], como em (16)<sup>8</sup>. Porém, sentenças como (17), aceitam qualquer tipo de sujeito, mesmo aqueles marcados [-abstratos]. Quer dizer: em (17) o adjetivo não faz restrição seletional quanto ao seu sujeito.

Nas construções com infinitivo, o adjetivo não impõe restrições sobre seu DP sujeito. As restrições de seleção sobre o sujeito da sentença são impostas pelo verbo no infinitivo. Assim, em (17) *este osso* é licenciado tematicamente pelo verbo *roer*; mas em (18) *esse osso* não é licenciado porque é incompatível tematicamente com o verbo *convencer*:

(18) \*Este osso é duro de convencer.

(18) é uma sentença agramatical, pois não são respeitadas as restrições de seleção que o verbo *convencer* impõe sobre seu objeto, ou seja, *esse osso* não tem a característica de poder *ser convencido*. Há evidências para isto porque existem sentenças como:

(19) Roer este osso é duro.

Em (19) o DP *este osso* é objeto direto do infinitivo *roer* e (19) e (17) são sinônimas, pois ambas derivam da mesma estrutura profunda. Assim, sempre que um DP não pode ser o sujeito de uma sentença com infinitivo do tipo (17) ele também não pode ser o objeto do infinitivo desta sentença. Isto dá solução ao problema das sentenças *DP+ ser+ Adj de V*, pois se continuássemos a afirmar que o sujeito de (17) é *este osso*, teríamos de dizer que:

- a) *duro* ‘difícil/penoso’ exige sujeitos [+ abstratos] quando aparece sem infinitivo;

---

<sup>8</sup> Perini observa, de modo semelhante ao que faz Léger (2006), que em sentenças do tipo *DP ser Adj*, com sujeito concreto, *duro* pode significar ‘difícil’ desde que *de+Inf* seja pressuposto.

- b) *duro* ‘difícil/penoso’ aceita qualquer tipo de sujeito quando aparece na sentença com infinitivo, como em (17), desde que o sujeito atenda as restrições seletivas do verbo encaixado.

Os fenômenos relacionados com a sentença (16), em que o adjetivo *duro* ‘difícil’ só aceita sujeitos [+ abstratos], sejam eles nominais ou oracionais, e com a sentença (17), em que o adjetivo *duro* ‘difícil’ aceita sujeitos [ $\pm$  abstratos], cria um problema: enfraquece o princípio que rege as restrições de seleção semântica de um item. Entretanto, a observação de que o sujeito do adjetivo tem que ser tematicamente compatível com o objeto do verbo encaixado permite deduzir a regra de alçamento do objeto: o sujeito de *duro* em (17) é na estrutura profunda o objeto do verbo *roer* e é alçado. Esta regra restrita<sup>9</sup> de alçamento é a via de escape para afirmar que o sujeito do adjetivo *duro* em (17) não é argumento do adjetivo, mas do verbo encaixado. Como no modelo da época as transformações tinham poder suficiente para executar este tipo de regra, a derivação de (17) seria, informalmente, como (20):

- (20) a. DS: [Roer esse osso] é duro →  
b. extraposição do sujeito: é duro roer esse osso →  
c. inserção da preposição: é duro de roer esse osso →  
d. alçamento do objeto: esse osso<sub>i</sub> é duro de roer t<sub>i</sub>

Deste modo se mantém intacto o princípio que regula a seleção semântica.

### 2.1.3 Galves (2001)

Galves (2001) aborda as construções chamadas por ela de estruturas “*díficeis*”, em conjunto com outros fenômenos como o objeto nulo e o infinitivo pessoal, para contrastar a gramática do português brasileiro com a do português europeu. Observa que estas construções têm duas particularidades no português brasileiro que as distinguem das construções do português europeu. A primeira particularidade é a ambigüidade de uma sentença como (21):

---

<sup>9</sup> Como me apontou Carlos Miotto (c.p.) esta regra de alçamento não deve ser confundida com a que alça o complemento do verbo passivo para a posição de sujeito.. Esta última não é tão poderosa a ponto de criar itens (a preposição *de*), pular um sujeito especificado (PRO) e pular por cima de um CP.

(21) O João é difícil de pagar.

A primeira interpretação, também existente no português europeu, é aquela em que o sujeito da sentença está associado com a categoria vazia objeto da sentença encaixada. A segunda, exclusiva do português brasileiro, é aquela em que o sujeito da sentença está associado com o sujeito do verbo encaixado. Neste caso, a sentença pode ser parafraseada por *João dificilmente paga*. Esta segunda interpretação é compulsória com verbos mono-argumentais ergativos, como *cair* em (22), ou intransitivos, como *dormir* em (23):

(22) Essas maçãs são difíceis de cair.

(23) Esta criança é difícil de dormir.

Seguindo a interpretação de (21), a sentença (22) pode ser parafraseada como *Estas maçãs dificilmente caem* e (23) como *Esta criança dificilmente dorme*. As sentenças (22) e (23) são agramaticais no português europeu.

A segunda particularidade dessas sentenças é a possibilidade de ocorrer infinitivo pessoal. Desta forma, a sentença (24), que é agramatical em PE, é gramatical em PB:

(24) O João<sub>i</sub> é difícil de e convencermos e<sub>i</sub>.

Apoiando-se em Raposo (1987), Galves afirma que a inexistência do infinitivo flexionado na sentença do português europeu, se deve à ocorrência de um operador nulo encabeçando a sentença encaixada. Assim, a estrutura da sentença portuguesa é como (25a):

(25) a. O João<sub>i</sub> é difícil de [<sub>CP</sub> OP<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> PRO convencer e<sub>i</sub>]]

b. O João<sub>i</sub> é difícil de [<sub>CP</sub> AGR OP<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> PRO convencer e<sub>i</sub>]]

Em (25a), que reflete uma estrutura semelhante à proposta por Chomsky (1977) com OP substituindo o Wh apagado (ver adiante), OP desempenha sua função característica, que é a de ligar o objeto nulo. Isto explica a interpretação única que a sentença tem no

português europeu. Ao mesmo tempo, a presença do CP bloqueia a regência de IP que só pode ser infinitivo pessoal se é regido e marcado por caso por um elemento da sentença matriz. Mesmo que AGR (I) fosse movido para o CP para disponibilizar a regência, a estrutura seria mal formada, pois viola a condição do Filtro Duplamente Preenchido: por AGR+OP.

Para dar conta das duas particularidades do português brasileiro, Galves postula uma estrutura diferente, como a que vemos em (26):

(26) O João é difícil [<sub>IP</sub> e<sub>1</sub> [<sub>I'</sub> de [<sub>V<sup>n</sup></sub> e<sub>2</sub> [<sub>VP</sub> V-AGR e<sub>3</sub>]]]]]

A estrutura em (26) elimina o obstáculo principal, que (25a) apresenta, para a derivação e interpretação da sentença brasileira: a categoria CP. Eliminando o CP, elimina-se a existência de barreira para a regência e marcação de caso do IP infinitivo; e elimina-se também a existência do OP que limita a interpretação da sentença àquela em que *o João* é interpretado como objeto de *pagar* em (21). Os elementos OP e *de* da estrutura (25a) passam a ser acomodados em (26), respectivamente, no Spec de IP e em I.

A partir da estrutura em (26), nada impede que o infinitivo seja regido e marcado por caso, podendo transmitir nominativo para seu sujeito. Voltando a (24), o infinitivo flexionado é derivado e o sujeito (interno) e<sub>2</sub> deixa de ser um PRO, para ser um *pro*. A interpretação de *o João* como o objeto de *convencer* se dá via e<sub>1</sub>: este (que não é mais um OP) é um sujeito externo que liga o objeto e<sub>3</sub> relação que é construída por predicação.

As duas interpretações da sentença (21) podem ser retiradas a partir da estrutura em (26). O que as torna possíveis é o sujeito externo e<sub>1</sub>: no caso de *o João* ser interpretado como sujeito de *pagar*, e<sub>1</sub> liga o sujeito interno e<sub>2</sub>; no caso de ser interpretado como objeto, e<sub>1</sub> liga o objeto e<sub>3</sub>. Assim, as duas posições de sujeito desempenham um papel fundamental na análise de Galves (2001).

## **2.2 Análises que se debruçam exclusivamente sobre os problemas analíticos das CFs**

### **2.2.1 Chomsky (1977)**

Chomsky (1977) aponta duas propostas para tratar sentenças como (27):

- (27) John is easy to please  
John é fácil de agradar

Uma delas supõe que o sujeito da sentença (27) é movido da posição de objeto do verbo *please*. A outra supõe que *John* é gerado diretamente na posição de sujeito e que o objeto do verbo *please* é apagado por ser co-referente com o sujeito.

Aproveitando-se das idéias de que neste tipo de construção está envolvido tanto o movimento como a geração na base, Chomsky propõe que o DP *John*, é gerado como sujeito da sentença na base e que existe o movimento de uma expressão Wh da posição de objeto para a periferia esquerda da sentença infinitiva. Esta expressão Wh é obrigatoriamente apagada depois de movida. Assim, a categoria vazia em posição de objeto não se constitui em um problema, já que é derivada por movimento A'.

Com o movimento do constituinte Wh, o autor procura unificar o tratamento de uma série de fenômenos do inglês, como as construções comparativas, em (28), topicalização em (29), deslocamento à esquerda em (30), infinitivas em (31) e complementos infinitivos de *easy*, já exemplificados anteriormente submetendo-as ao movimento Wh.

- (28) John is taller than ~~wh~~ Mary is.  
'John é mais alto do que Mary é'.

- (29) This book, ~~wh~~ I really like.  
'Este livro, eu realmente gosto'.

- (30) As for this book, ~~wh~~ I think you should read it.  
Quanto a este livro, eu penso que você poderia lê-lo.

- (31) John is poor enough ~~wh~~ for us to give present to.  
'John é pobre suficiente para nós lhe darmos presente'.

Desta forma, o esperado é que as construções *easy to please* tenham as propriedades de (32), ou seja, o movimento Wh deve apresentar as seguintes características:

- (32) a. deixa uma lacuna;  
 b. onde há um verbo “ponte”, existe uma aparente violação da subjacência e da Restrição de sujeito especificado;  
 c. observa Restrição do NP complexo;  
 d. observa a restrição da ilha Wh.

### 2.2.2 Chomsky (1981)

Em 1981, Chomsky volta a tratar das construções *easy to please* agora tendo por base o modelo GB. O tratamento de (1977) não pode mais ser reproduzido neste outro sistema. Primeiro porque não é mais possível apagar elementos e assim não podemos postular uma expressão Wh que é movida e apagada. Segundo porque gerar *John* na posição de sujeito vai resultar numa violação do Critério  $\theta$ : como *John* é um argumento, ele não pode ser inserido na posição não temática de sujeito. Mesmo se o que sofre movimento fosse um operador nulo (e não mais uma expressão Wh posteriormente apagada), o problema de gerar *John* em uma posição não temática continuaria.

Chomsky sugere que estes problemas podem ser contornados se se postula uma reanálise de [*easy [to please John]*] em um adjetivo complexo [[*easy-to-please*] *John*]. Assim, (27) seria derivada por movimento do agora objeto do predicado complexo para o Spec de IP, como ilustramos em (33):

- (33) [*John<sub>i</sub> is [easy to please] t<sub>i</sub>*]

*John* seria movido por movimento A para ter seu caso e herdaria seu papel  $\theta$  da posição em que está o vestígio *t<sub>i</sub>*.

A postulação de que existe reanálise permite entender por que, ao contrário do que acontece em outros tipos de ilha, a extração de expressões Wh “periféricas” ( $\equiv$  adjuntos) é mais aceitável do que as de expressões Wh “internas”, como nos exemplos em (34):

- (34) a. \*Which sonatas<sub>i</sub> are the violins easy to play t<sub>i</sub> on]  
 Quais sonatas são os violinos fácil de tocar em.  
 ‘Quais sonatas são os violinos estão fáceis de tocar’.

b. Which violins<sub>i</sub> are the sonatas easy to play on t<sub>i</sub>]

Quais violinos são as sonatas fácil de jogar.

‘Quais violinos as sonatas são fáceis de tocar’.

O processo de reanálise, que atinge *easy to play*, desfaz as condições para a existência de ilha e facilita a extração do sintagma periférico *which violins*.

Se, por algum motivo, o processo de reanálise é bloqueado, a sentença com *John* na posição de sujeito não é bem formada. Considere (35):

(35) a. \*The hard work is pleasant for the rich [for the poor to do]<sup>10</sup>

O árduo trabalho é agradável para os ricos [para os pobres fazer].

b. It is pleasant for the rich [for the poor to do the hard work].

É agradável para os ricos [para os pobres fazer o trabalho duro].

‘É agradável para os ricos os pobres fazerem o trabalho duro’.

A presença do sujeito do infinitivo *the poor* impede a reanálise, o que torna a sentença (35a) inaceitável. Quando *the hard work* aparece na posição de objeto do infinitivo, a reanálise não é requerida e a sentença é bem formada, como vemos em (35b).

### 2.2.3 Hornstein (2001)

Hornstein (2001) também analisa as CFs, mas o faz tendo por base o Programa Minimalista. Ele apresenta as possíveis fraquezas da análise de Chomsky (1981), que são: 1) o problema que este tratamento traz para um modelo que tem em conta o nível de representação DS; 2) o fato de dar um tratamento comum para a extração de ilhas Wh quando a extração de argumentos de *easy to please* ‘fácil de agradar’ produz sentenças muito piores que nos outros casos<sup>11</sup>; 3) falta de clareza sobre como a reanálise interage com o operador nulo para formar um predicado adjetival complexo.

---

<sup>10</sup> Para efeitos de adjacência conta a presença do sujeito do infinitivo, mas não a de outros elementos como *for the rich* em (i):

(i) The hard work is pleasant for the rich [to do].

<sup>11</sup> Veja os exemplos:

(i) This violin is easy to play sonatas on.



Em vista destes problemas, Hornstein propõe uma análise para a sentença em (36) assumindo que: 1) o adjetivo *easy* ‘fácil’ marca o sujeito *Moby Dick* tematicamente, 2) *to read* ‘ler’ é um adjunto, 3) um *Wh Mobly Dick* como motivação para que haja movimento da posição de objeto do verbo *to read* e 4) *sideward movement* ‘movimento lateral’ do DP *Moby Dick* para checar papel temático e caso.

- (36) *Moby Dick is easy to read.*  
*Moby Dick é fácil de ler.*

Em defesa da assunção de que o DP *Moby Dick* é argumento de *easy*, Hornstein argumenta que este adjetivo pode ter argumento de vários tipos. Isso pode ser observado através dos exemplos em (37):

- (37) a. *The exam was easy/hard/tough.*  
 O exame foi fácil/árduo/duro.  
 b. *To leave things alone would be hard/easy/tough.*  
 Deixar coisas sozinhas seria árduo/fácil/duro.  
 c. *it is easy/hard/tough to leave things alone.*  
 Exp. é fácil/árduo/duro deixar coisas sozinhas.

Em (37a) *the exam* é o sujeito do predicado; (37b) tem um sujeito sentencial *to leave things alone* e em (37c) *things* aparece na posição de complemento e a posição do sujeito contém o expletivo *it*. O papel temático atribuído ao argumento vem dos adjetivos *easy*, *hard* e *tough*.

A derivação para a sentença (36) é a que apresentamos em (38):

- (38) [[<sub>IP</sub> *Moby Dick is* [<sub>AP</sub> *Moby Dick easy*]] [<sub>CP</sub> [[<sub>WH</sub>] *Moby Dick*] [<sub>IP</sub> *pro to read* [[<sub>WH</sub>] *Moby Dick*]]]]

---

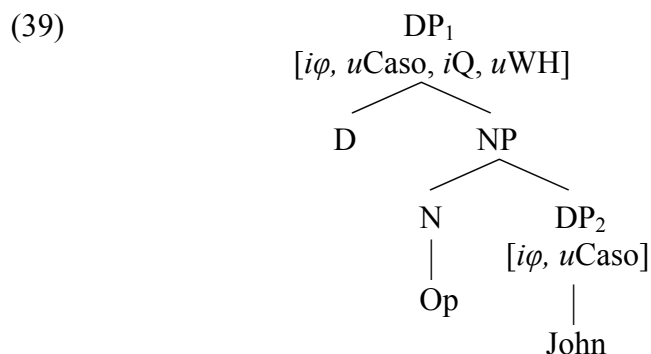
(ii) ‘Esse violino é fácil de tocar sonatas sobre’  
 \*Which sonatas is this violin easy to play on.  
 ‘Quais sonatas esse violino é fácil de tocar sobre’

Primeiro, se concatena *read* com [WH] *Moby Dick*, onde WH vale por um relativo nulo; depois, se concatena um *pro*<sup>12</sup> com este conjunto; e em seguida, ao se concatenar um C com o conjunto [*pro to read WH Mobly Dick*], [[*WH*] *Moby Dick*] é copiado no Spec do CP, que figura como adjunto da sentença; depois, se concatena *easy* com o adjunto e, por movimento lateral, *Moby Dick* é excorporado do elemento WH em Spec de CP e copiado como argumento interno de *easy* para checar seu novo papel temático; por fim, se concatena a cópula flexionada com o conjunto formado e *Moby Dick* é copiado no Spec do IP matriz para checar Caso nominativo. Assim, o DP *Moby Dick* recebe dois papéis temáticos: um provindo da concatenação com *read* e o outro por movimento lateral vindo do adjetivo *easy*.

#### 2.2.4 Hicks (2004)

A análise que Hicks (2004) elabora para a construção em (27) supõe um DP complexo, como representado em (39):

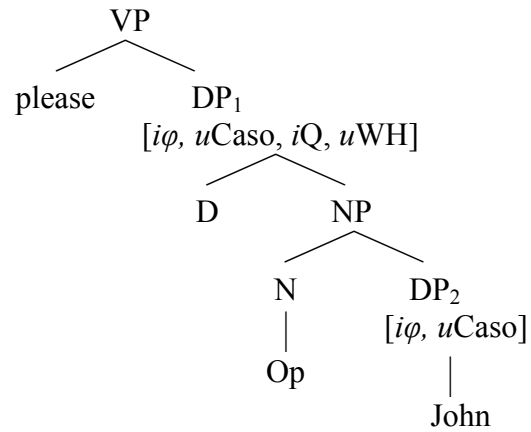
(27) John is easy to please.



Este DP contém, além do DP *John*, todos os traços *i* (interpretáveis – que devem permanecer nas interfaces) e *u* (não-interpretáveis – que devem ser checados até as interfaces) e um operador nulo (Op). O DP em (39) é combinado com o verbo *please* como seu argumento interno e recebe seu papel temático de tema, formando o VP em (40), na outra página:

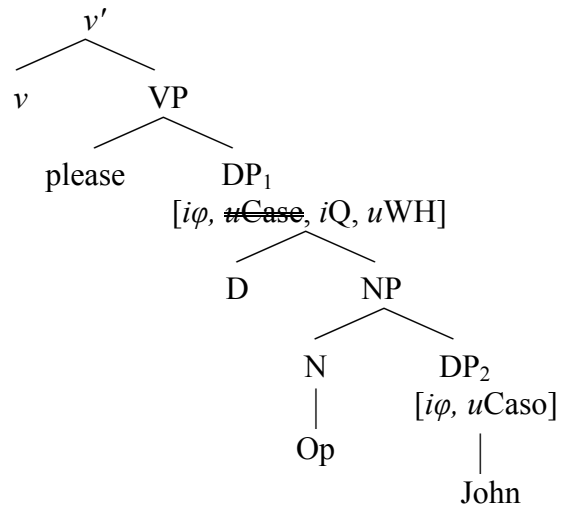
<sup>12</sup> Como é um contexto de controle não obrigatório, a categoria vazia deve ser um *pro* arbitrário.

(40)



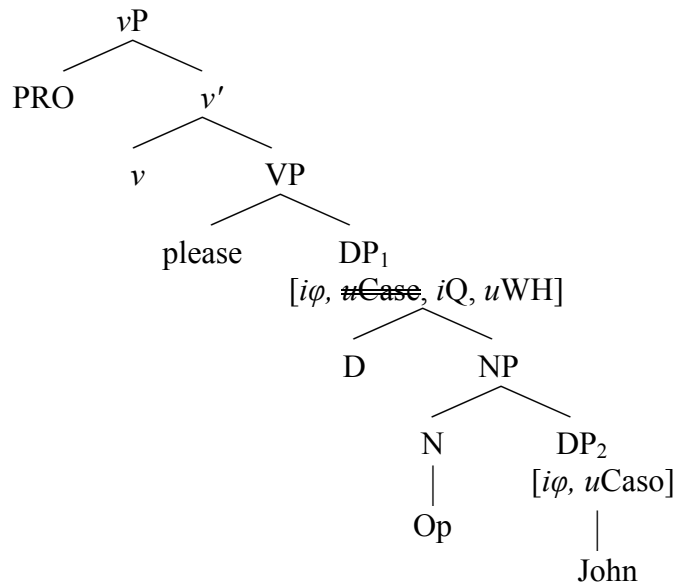
O VP em (40) é combinado com  $v$  formando (41) e traço  $uCaso$  de  $DP_1$  é checado:

(41)



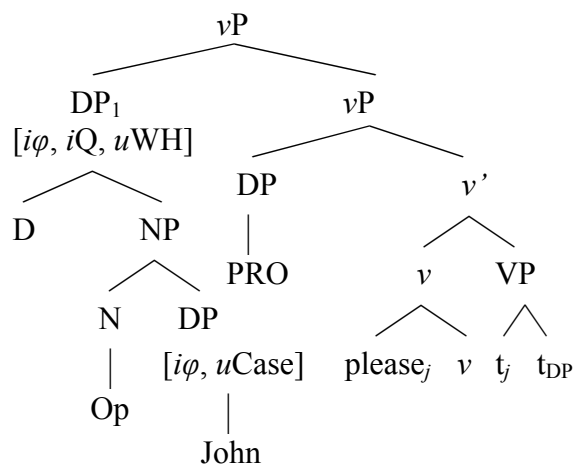
Entretanto, o traço  $uWH$  de  $DP_1$  permanece sem ser checado, bem como o  $uCaso$  do  $DP_2$ . Em seguida, *please* se move para  $v$  e o PRO é combinado com  $v'$  no Spec de  $vP$ , resultando em (42), na próxima página:

(42)

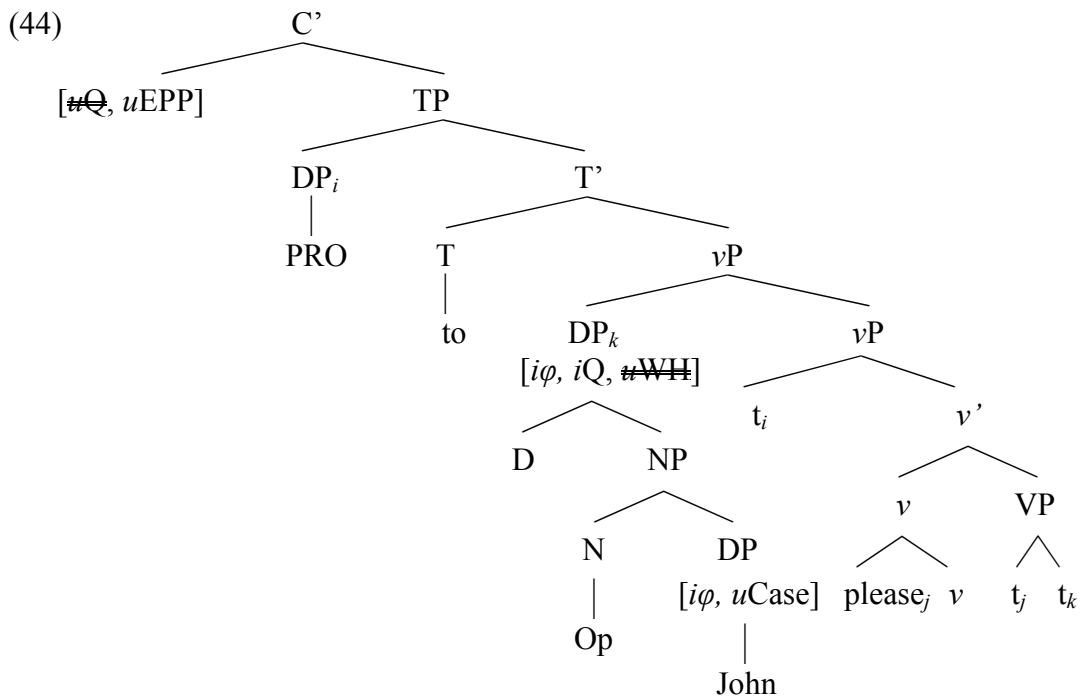


Como elementos WH têm que ser movidos em inglês, DP<sub>1</sub> vai para as margens da fase vP onde fica acessível a futuras operações sintáticas, como desenhamos em (43):

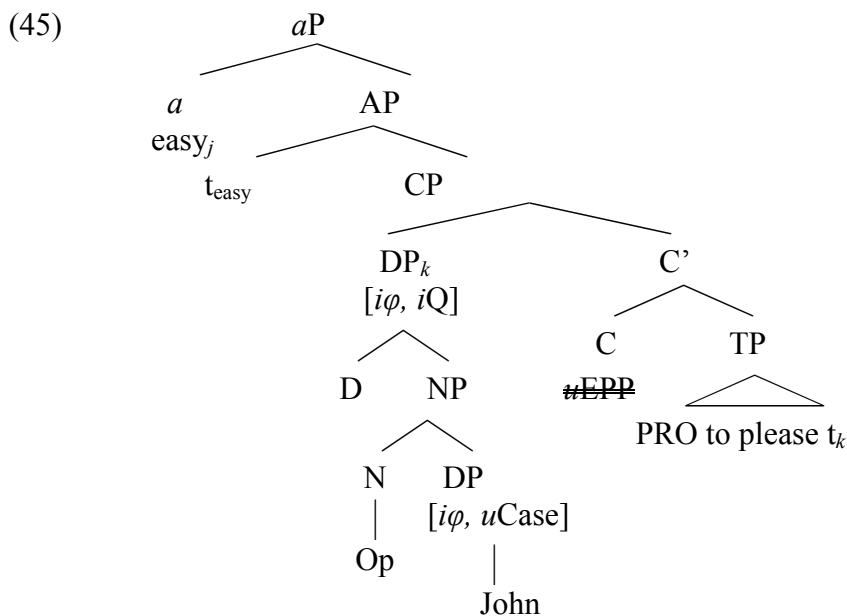
(43)



Depois disso, a derivação procede como em (44), na próxima página:

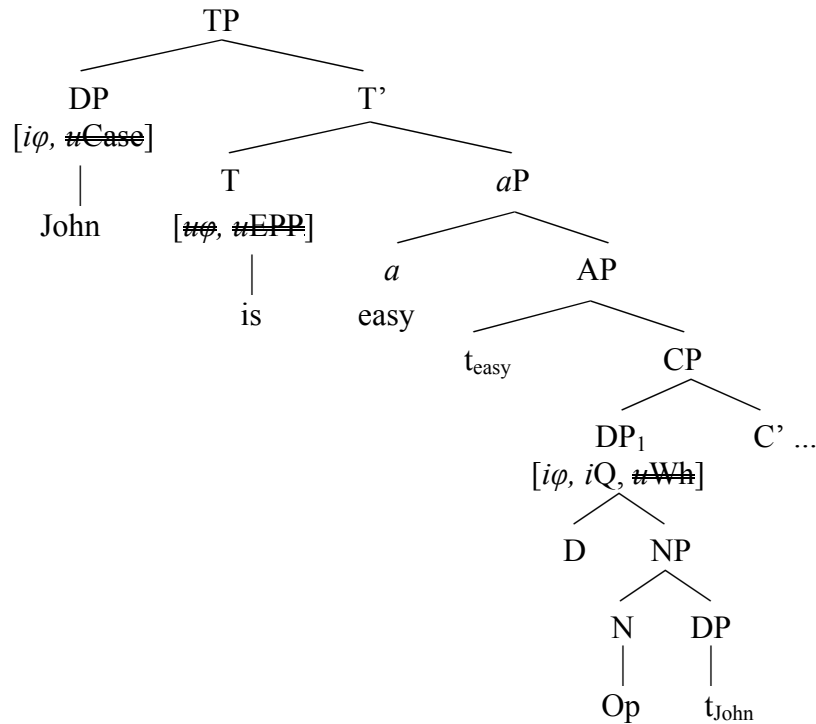


Em T infinitivo *to* é combinado com *vP* e o PRO se move para Spec de TP para checar seu *uCase*. Depois C é combinado com TP e a consequência disso é que seu *uQ* é checado contra *iQ* e o traço *uWH* do DP<sub>1</sub> também é checado. Depois disso, DP<sub>1</sub> se move para Spec de CP e o traço *uEPP* é checado, como vemos em (45):



Depois, o adjetivo *easy* é combinado com o CP e é movido para *a*. Por fim, o T matriz contendo a cópula é combinado com *aP*, como mostramos em (46):

(46)



Ao término da derivação, *John* sobe para a posição de [Spec, TP] e checa seu caso nominativo.

O fator que concorre decisivamente para resolver os problemas de derivação das sentenças *easy to please* é a postulação do DP complexo em (39). O fato de ele conter Op permite a checagem de traço A' Wh Spec de CP. O fato de conter dois traços  $\mu$ Caso atende à exigência de checar primeiro acusativo, contra o traço superior, e depois o nominativo, contra o traço mais encaixado.

### 2.2.5 Guérin (2006)

Guérin (2006) analisa as CFs no francês. Quando o sujeito matriz é um pronome expletivo *il* a sentença infinitiva é introduzida por *de*, enquanto nas CFs com o sujeito DP, a sentença infinitiva é introduzida por *à*. A autora argumenta que diferenças morfológicas (as preposições *de* e *à*) refletem diferenças sintáticas. A preposição *de* é um complementizador subcategorizando um  $IP_{[-fin]}$  e *à* é o núcleo de um IP. Dois morfemas diferentes (*de* e *à*) estão presentes na sentença infinitiva. A natureza do sujeito matriz determina a escolha do morfema usado para selecionar o infinitivo:

- (47) (de/\*à) lire Moby Dick est difficile.  
 (de/à) ler Moby Dick é difícil.  
 ‘De ler Moby Dick é difícil.’
- (48) Il est difficile (pour Marie) de/à comprendre Jean.  
 Expl. É difícil (para Marie) de/à compreender Jean.  
 ‘Expl. É difícil (para Marie) de compreender Jean’.
- (49) Jean est difficile (\*pour Marie) à/\*de comprendre (pour Marie).  
 Jean é difícil (\*para Marie) à comprendre (para Marie).  
 ‘Jean é difícil compreender (para Marie)’

Por um lado, se o sujeito matriz é um infinitivo, como em (47), ou um expletivo *il* como em (48), a sentença infinitiva é marcada pela preposição *de* (chamadas construções *de*). Por outro lado, quando o sujeito matriz é um DP, como em (49), a sentença infinitiva é introduzida por *à* (construções *à*).

A autora afirma que *de* e *à* subcategorizam argumentos diferentes: o infinitivo seguido de *à* é um VP, enquanto *de* subcategoriza um IP. O argumento externo do verbo encaixado nunca ocorre *in situ* e é opcionalmente realizado pelo constituinte *pour* (para) DP como adjunto preposicional. Comparando as sentenças de (50), ela deduz que o *de* é um complementizador subcategorizando um IP <sub>[-fin]</sub>:

- (50) a. Il est important de PRO passer à Paris.  
 É importante de passar a Paris.  
 ‘É importante passar em Paris’.
- b. Il est important que vous passiez à Paris.  
 É importante que vocês passem em Paris.  
 ‘É importante que vocês passem em Paris’.

A sentença (50b) indica que *important* ‘importante’ subcategoriza um CP complemento cujo núcleo é o *que* seguido por um IP finito; mas, quando seguido de um IP infinitivo, o CP tem como núcleo o *de*, como em (50a). As CFs têm a propriedade de que as sentenças com *de* vêm com um expletivo, enquanto as construções *à* tem um DP sujeito.

Há evidências para classificar as CFs como sendo de alçamento. O predicado *facil* pode ter expletivo na posição de sujeito, como em construções de alçamento. O papel temático do sujeito matriz é dependente da semântica do verbo encaixado. Por exemplo, *John* é paciente em *John is difficult to tame* ‘John é difícil domar’, ou é beneficiário em *John is difficult to please* ‘John é difícil agradar’. Isto sugere que o sujeito matriz *John* é originado como argumento interno do verbo encaixado, onde ele recebe seu papel temático. Além disso, verbos que não têm objeto, como os intransitivos, são ilícitos com predicados *faceis*.

Para a autora, um  $vP$  é defectivo, pois não apresenta especificador. Isto poderia explicar a ocorrência de *à* na posição de núcleo deste  $vP$ . Por sua vez, *de* é o núcleo de um CP que subcategoriza um IP infinitivo

#### 2.4.6 Sportiche (2006)

Sportiche (2006) analisa as CFs de acordo com a premissa de que reconstrução é uma habilidade para interpretar um constituinte movido como se ele não tivesse sido movido. Quer dizer: se algum constituinte for movido, ele precisa estar apto a ser reconstruído. Como consequência desta premissa, afirma que, se um item não pode ser reconstruído, não ocorre movimento.

Veja o exemplo de CF do francês, em (51):

- (51) Ce fort sera facile à assiéger.  
Este forte será fácil a sitiar.  
‘Este forte será fácil de sitiar.

A partir da sentença em (51) temos a derivação em (52):

- (52) Ce fort sera facile [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> *e<sub>wh</sub>* [<sub>NP</sub> *fort*]] [<sub>à</sub> [<sub>TP</sub> PRO assiéger *t<sub>DP</sub>*]]].

A derivação em (52) procede da seguinte maneira: primeiro o DP é alçado para o CP; depois o NP *fort* é alçado para a posição de complemento do D *ce* (este) gerado na sentença matriz. Desta forma, percebe-se que o movimento que ocorre nas construções *easy to please* envolve movimento para a posição de sujeito matriz. Porém, é assumido



que o movimento é do NP e não do DP inteiro, ou seja, um constituinte menos que um DP.

A análise está de acordo com três observações. A primeira é que o sujeito da *easy to please* não recebe seu papel temático na sentença matriz, ou seja, na posição de Spec de IP. A segunda afirmação é de que há movimento do constituinte nulo Wh para a margem da sentença infinitiva. E a terceira, há movimento para a sentença matriz, o que assegura que existe reconstrução. Porém, este último movimento é do NP e não do DP.

Para dar suporte ao movimento do NP, Sportiche faz uma comparação das *easy to please* com o exemplo de alçamento em (53):

- (53) No prime number has been proved [ t to be the largest prime number].  
Nenhum primo número foi provado ser o maior primo número.  
‘Nenhum número primo foi provado ser o maior número primo’.

Este exemplo mostra o t como vestígio deixado pelo sujeito alçado para a sentença matriz. Na sentença (53) *no prime number* não pode ser interpretado como tendo escopo estreito (= it has been proved that there is no prime number which is the largest prime number). Por isso, não pode ser reconstruído na posição de t. A derivação por alçamento de todo o constituinte a partir de (54) não está, portanto, disponível:

- (54) has been proved [ no prime number to be the largest prime number]  
foi provado [nenhum primo número ser o maior primo número.

Disto tiram-se duas conclusões: a primeira é que o constituinte *no prime number* não foi alçado; a segunda é que somente parte do sujeito DP foi alçado para formar um constituinte com o D *no* ‘nenhum’, o qual é concatenado na sentença matriz fora do escopo do verbo *prove* ‘provar’:

- (56) No [<sub>NP</sub> prime number] has been proved [ t<sub>NP</sub> to the largest prime number].

A análise de Sportiche é a que adotaremos no próximo capítulo.

## 2.5 Resumo do capítulo

Dividimos o Capítulo 2 em duas seções. A primeira delas contém três resenhas que se preocupam em descrever o comportamento das CFs. O estudo de Léger (2001, 2006) afirma que as propriedades semânticas dos adjetivos determinam o tipo dos complementos que eles selecionam. Perini (1976) apresenta a ambigüidade do adjetivo *duro* e analisa-o em sentenças semelhantes às CFs. Por fim, Galves (2001) afirma que as CFs do tipo pessoal são ambíguas.

Na segunda seção, vimos as análises que têm sido desenvolvidas para dar conta dos problemas que envolvem as CFs. Apresentamos a análise de Chomsky (1977) que estabelece um movimento Wh como forma de solucionar o problema do movimento. Também vimos Chomsky (1981) que postula o processo da reanálise de [*easy [to please John]*] em um adjetivo complexo [*easy-to-please John*]. A seguir temos Hornstein (2001) afirmando que a derivação das *easy to please* se dá por movimento lateral e diz que é o adjetivo *fácil* quem atribui papel temático para o DP *John* no decorrer da derivação. Hicks (2004) supõe um DP complexo como forma de solucionar o problema de caso das CFs. Por fim, vimos Guérin (2006) que fala em subcategorização e Sportiche (2006) que defende o processo da Reconstrução nas CFs.

## Capítulo 3

Neste capítulo tratamos exclusivamente de sentenças que contêm os adjetivos *fácil/difícil*. Fazemos uma descrição dos tipos de estruturas em que os adjetivos ocorrem, realçando as particularidades do PB.

Na primeira seção, tratamos das estruturas em que o objeto do verbo encaixado como complemento do adjetivo permanece *in situ*. Estas abrangem sentenças em que o adjetivo é selecionado por um verbo copular que vai acabar tendo um *pro* expletivo como sujeito. São caracterizadas como impessoais por Léger (2001) e Guérin (2006) e se caracterizam por não terem DP como sujeito. Também serão descritas nesta seção sentenças em que o adjetivo *fácil* e seu complemento infinitivo são complemento de um verbo transitivo. Os dois tipos de sentenças são tratados juntos porque, independentemente de ser o sujeito da cópula ou o complemento do verbo transitivo que estão em jogo, elas apresentam um comportamento semelhante: mantêm o objeto do verbo infinitivo *in situ*. Adotamos para elas o rótulo de impessoais, agora um tanto inapropriado por envolver também a posição de objeto.

Na segunda seção, fazemos uma descrição das sentenças em que o objeto do verbo infinitivo se apresenta deslocado. Trataremos de sentenças que apresentam o objeto do verbo infinitivo deslocado tanto para a posição de sujeito da cópula como para a posição de objeto do verbo matriz. Estas, como afirmam Hornstein (2001) e Hicks (2004) referindo-se a sentenças em que a posição de sujeito está envolvida, resistem a uma análise simplificada. Embora aqui também o rótulo seja um tanto impróprio por envolver a posição de sujeito e de objeto, elas serão chamadas de sentenças pessoais. Os problemas que criam resistência para uma análise simplificada se repetem: as dificuldades para explicar o movimento persistem quer o adjetivo *fácil* seja selecionado por um verbo copular que vai ter o objeto do verbo infinitivo como sujeito, quer seja selecionado por um verbo transitivo que vai ter aquele DP como objeto.

### 3.1 Sentenças “impessoais” com o adjetivo *fácil/difícil*

O adjetivo *fácil* pode aparecer em estruturas como as de (1):

- (1) a. É fácil convencer as crianças.
- b. Maria considera fácil convencer as crianças.

Em ambas as sentenças de (1), observa-se que o objeto do verbo *convencer* permanece *in situ* e que não ocorre a preposição *de* introduzindo a sentença infinitiva. Vários contextos, como os que apontamos em (2), sugerem que uma sentença infinitiva precisa ser marcada por Caso:

- (2) a. Maria gosta de dançar.
- b. \*Maria gosta dançar.

A sentença em (2b) é agramatical sem preposição e isso pode ser atribuído ao fato de que o verbo *gostar* não é um marcador casual, o que deixa o infinitivo sem caso. Assim, a gramaticalidade das sentenças em (1) nos leva a considerar que [*convencer as crianças*] é marcado por um caso e o que está disponível é o nominativo.

Este tipo de construção também pode ocorrer com a “cópula” *estar*:

- (3) Está difícil segurar a barra.

Sentenças como (3) são bem construídas se estiver assegurado que o predicado pode ser interpretado como *stage level*.

Se comparamos (1a) com sua tradução do francês em (3), vemos que nesta tem que existir preposição:

- (4) a. Il est facile de convaincre les enfants.
- b. \*Il est facile convaincre les enfants.

A falta da preposição em (4b) deixa a sentença agramatical. Se seguirmos na mesma linha de raciocínio utilizada a propósito do português, devemos afirmar que o nominativo não está disponível para a sentença infinitiva do francês. Nesta língua, o expletivo deve absorver o caso nominativo sem transmiti-lo para a sentença infinitiva e a inserção da preposição *de* é uma operação para prover um caso para a sentença infinitiva. Guérin (2006) afirma que nas sentenças impessoais do francês *de* é gerado no núcleo de IP.

Entretanto, em certos dialetos do português brasileiro também são gramaticais as sentenças em (5), com a preposição *de*:

- (5) a. É fácil de convencer as crianças.
- b. Está difícil de segurar a barra.

Neste caso, a derivação da sentença é como no francês. Isto significa que o português brasileiro tem duas maneiras de prover o caso para o infinitivo.

Encontramos no *corpus* do VARSUL uma ocorrência da preposição *para*, fenômeno que se mostrou muito mais raro do que a ocorrência da preposição *de*:

:

- (6) a. É difícil pra segurar a barra (POA12L757)<sup>13</sup>.
- b. Está difícil pra segurar a barra

Como mostra (6b), parece que a preposição *para* vai melhor com a cópula *stage level* do que com a cópula *individual level*.

---

<sup>13</sup> POA é a sigla da cidade *Porto Alegre*, 12L é o número da linha e 57 é o número da entrevista em que o dado foi coletado.

Assumindo que o infinitivo é o argumento interno do adjetivo *fácil*<sup>14</sup>, a estrutura das sentenças impessoais poderia ser como em (7):

- (7) a.  $pro_{expl}$  é/está [<sub>AP</sub> fácil [(de/para)  $PRO_{arb}$  convencer as crianças]]  
b. Maria considera [<sub>AP</sub> fácil [(de)  $PRO_{arb}$  convencer as crianças]]

Sobre (7) podemos aplicar várias operações sintáticas. A primeira é que a sentença infinitiva pode ser anteposta, como em (8):

- (8) a. [ $PRO$  convencer as crianças]<sub>i</sub> é [<sub>AP</sub> fácil  $t_i$ ]  
b. Maria considera [ $PRO$  convencer as crianças]<sub>i</sub> [<sub>AP</sub> fácil  $t_i$ ]

Pela anteposição, a sentença infinitiva em (8a) vai para a posição de sujeito substituindo o  $pro_{expl}$ , lugar onde vai ser marcada por nominativo. Em (8b), vai para a posição de objeto sendo marcada por acusativo. Observe-se que esta operação faz com que a preposição seja dispensada:

- (9) a. \*[de  $PRO$  convencer as crianças]<sub>i</sub> é [<sub>AP</sub> fácil  $t_i$ ]  
b. \*Maria considera [de  $PRO$  convencer as crianças]<sub>i</sub> [<sub>AP</sub> fácil  $t_i$ ]

Entretanto, a anteposição da sentença infinitiva é aceitável se ela vem introduzida pela preposição *para*, como nestes dois dados coletados do *corpus* do VARSUL:

- (10) a. Pra botar uma criança no mundo é muito difícil (POA12L193).  
b. Pra atender a todos é difícil.(CTB21L1319)

Parece que o peso lexical da preposição *para*, que acrescenta um sentido de propósito, dá mais autonomia à sentença infinitiva para que ela possa ser deslocada. Neste caso, o deslocamento deve ser para uma posição na periferia esquerda da sentença.

---

<sup>14</sup> No capítulo I assumimos que o adjetivo é (núcleo do) predicado de uma *small clause* que tem o argumento como sujeito. Mudamos esta assunção e passamos a considerar que a sentença infinitiva é o argumento interno do adjetivo para contornar dois problemas: o primeiro surge quando há a extração do objeto do verbo encaixado, pois neste caso teríamos de aceitar que é possível extrair um constituinte de dentro de um sujeito; o outro é ter que lidar com o fato de a sentença infinitiva vir naturalmente depois do adjetivo.

A segunda operação posiciona *as crianças* na periferia esquerda da sentença por um processo de focalização em (10) ou de topicalização em (11):

- (11) a. As crianças<sub>i</sub> pro<sub>expl</sub> é [AP fácil [PRO convencer t<sub>i</sub>]]  
b. As crianças<sub>i</sub> Maria considera [AP fácil [PRO convencer t<sub>i</sub>]]
- (12) a. As crianças, pro<sub>expl</sub> é [AP fácil [PRO convencer elas]]  
b. As crianças, Maria considera [AP fácil [PRO convencer elas]]

Em (12) *as crianças* é o tópico da sentença, como deduzimos da retomada pelo pronome. Em (11) *as crianças* é o constituinte focalizado contrastivamente e tem que ser retomado por uma categoria vazia. O que realçamos em (11a) e (12a) é que, apesar de o objeto do verbo *convencer* estar anteposto, a sentença continua sendo impessoal: o DP *as crianças* não substitui o pro<sub>expl</sub> em Spec de IP e não desencadeia a concordância com o predicado.

É de se prever que as sentenças em (11) e (12) tenham as contrapartes dialetais com a preposição *de*:

- (13) a. As crianças<sub>i</sub> pro<sub>expl</sub> é [AP fácil [de PRO convencer t<sub>i</sub>]]  
b. As crianças<sub>i</sub> Maria considera [AP fácil [de PRO convencer t<sub>i</sub>]]
- (14) a. As crianças, pro<sub>expl</sub> é [AP fácil [de PRO convencer elas]]  
b. As crianças, Maria considera [AP fácil [de PRO convencer elas]]

A presença do pro<sub>expl</sub> em (13a) e (14a) marca que as sentenças são impessoais. Em (13b) deve ser considerado que *as crianças* foi movido para a periferia esquerda da sentença a partir da posição de objeto de *convencer* sem passar pela posição A de objeto de *considerar*. Se isso acontecesse, a sentença seria do tipo “pessoal”, desencadeando a concordância em *fácil*, dado que a focalização teria acontecido a partir da posição marcada por caso acusativo.

As construções impessoais com o adjetivo *fácil* podem também conter um verbo encaixado com sujeito lexical:

- (15) a. É difícil o João abrir a geladeira.

b. ?É difícil de o João abrir a geladeira.

Parece que, neste caso, a inserção da preposição *de* faz com que a sentença piore. A situação se mantém se o objeto do verbo encaixado é focalizado (15) ou topicalizado (16) na periferia esquerda da sentença:

(16) a. A geladeira é difícil o João abrir (não o forno do fogão).

b. ?A geladeira é difícil de o João abrir (não o forno do fogão).

(17) a. A geladeira, é difícil o João abrir ela (não o forno do fogão).

b. ?A geladeira, é difícil de o João abrir ela (não o forno do fogão).

Em resumo, nossa descrição nos levou a considerar que os fenômenos envolvidos nas sentenças com o adjetivo *fácil* quando o objeto do verbo encaixado permanece *in situ* são semelhantes quer o adjetivo seja predicativo do sujeito (1a) ou do objeto (1b). Se o objeto do verbo infinitivo aparece anteposto, ele não pode ocupar uma posição A. Não ocupar uma posição A quando anteposto é o que dá o sentido que atribuímos a uma construção “impessoal”.

### 3.2 Sentenças “pessoais” com o adjetivo *fácil*

Nós vamos entender por construções pessoais com o adjetivo *fácil* as construções em que o objeto do verbo infinitivo se encontra em uma posição argumental que não é sua posição de base. Estas são as reais sentenças *easy to please* ou as *tough constructions*.

#### 3.2.1 Quando o adjetivo *fácil* é adjunto adnominal

Para começar, resgatamos as duas funções sintáticas dos adjetivos discutidas no Capítulo 1: adjunto adnominal ou predicativo. Quando o adjetivo *fácil* desempenha a segunda função, ele pode figurar tanto em construções impessoais como em construções pessoais. Comparemos as sentenças impessoais de (1), aqui repetidas, com as pessoais de (19):

- (18) a. É fácil convencer as crianças.  
b. Maria considera fácil convencer as crianças.
- (19) a. As crianças são fáceis de convencer.  
b. Maria considera as crianças fáceis de convencer.

Em todas elas, o adjetivo *fácil* tem a função de predicativo de um argumento, de *convencer as crianças* em (18) e de *as crianças* em (19).

Entretanto, quando o adjetivo tem a função de adjunto, ele pode figurar apenas em construções “pessoais” (Carlos Miotto, cp):

- (20) a. As crianças fáceis de convencer foram acolhidas por ele.  
a'. \*As crianças fácil de convencer foram acolhidas por ele.  
a'' \* As crianças fácil convencer foram acolhidas por ele.  
b. Ele acolheu as crianças fáceis de convencer.  
b'. \*Ele acolheu as crianças fácil de convencer.  
b''. \*Ele acolheu as crianças fácil convencer.

De fato, a posição de objeto de *convencer* é invariavelmente vazia, como ocorre nas sentenças pessoais. Além desse fenômeno, se observam mais dois típicos das construções pessoais: como mostram (20a') e (20b'), o adjetivo não pode ficar sem concordância; e, como mostram (20a'') e (20b''), não pode faltar a preposição *de*.

Dá pra entender porque esta é a situação se supomos que o adjetivo que funciona como adjunto adnominal corresponde a uma sentença relativa, como exemplificamos em (21):

- (21) a. As crianças que eram fáceis de convencer foram acolhidas por ele.  
b. Ele acolheu as crianças que eram fáceis de convencer.

As sentenças de (21) teriam sofrido um processo de redução que apaga o complementizador *que* e a cópula *eram*.



Se as sentenças relativas em (21) são derivadas como propõe Áreas (2004)<sup>15</sup>, o objeto de *convencer* seria *que crianças*, que já vem da numeração com o traço [+rel] para ser checado. Para ter seu traço [+rel] checado, *que crianças* deve ser removido da posição de objeto *convencer* para o Spec de CP. A remoção se dá através da posição de sujeito da cópula: é o sujeito da cópula que é o sintagma relativizado e, por isso, o adjetivo tem que concordar com *crianças*. De lá, *que crianças* vai para o Spec do CP complemento do determinante *as* e, por fim, *crianças* seria adjungido ao CP.

- (22) a. As [<sub>CP</sub> crianças [<sub>CP</sub> que ~~crianças~~ [<sub>IP</sub> ~~que crianças~~ eram fáceis de convencer ~~que crianças~~ foram acolhidas por ele]]].  
 b. Ele acolheu as [<sub>CP</sub> crianças [<sub>CP</sub> que ~~crianças~~ [<sub>IP</sub> ~~que crianças~~ eram fáceis de convencer ~~que crianças~~]]].

Essa é uma explicação para o fato observado, que não é realçado na literatura, de que o adjetivo *fácil*, quando adjunto adnominal, só pode pertencer a uma construção do tipo pessoal.

### 3.2.2 Quando o adjetivo *fácil* é predicativo

Quando o adjetivo *fácil* é predicativo de um DP, ele faz parte de uma construção pessoal.

#### 3.2.2.1 Quando o sujeito controla argumento externo do verbo encaixado

A primeira que apontamos são aquelas construções, registradas por Galves (2001), em que o sujeito da sentença controla o argumento externo do verbo encaixado:

- (23) a. João é difícil de pagar as contas.  
 a'. Maria considera João difícil de pagar as contas.  
 b. João é difícil de telefonar.  
 b'. Maria considera João difícil de telefonar.

---

<sup>15</sup> Se é derivada de acordo com o modo clássico, o resultado é o mesmo: o objeto de *convencer* seria o pronome relativo que teria que ser deslocado para o Spec do CP adjunto do NP relativizado, tendo antes que passar pela posição de sujeito da cópula.

- c. João é difícil de chegar na hora.
- c'. Maria considera João difícil de chegar na hora.

Em sentenças como estas, o adjetivo *difícil* tem um comportamento que não é registrado em outras línguas, mesmo em línguas com forte parentesco, como é o caso do português europeu. Para nós e para algumas pessoas consultadas, essas sentenças soam estranhas e esse estatuto é realçado se substituimos *difícil* de (23) pelo seu antônimo *fácil* em (24):

- (24) a. João é fácil de pagar as contas.
- a'. Maria considera João fácil de pagar as contas.
- b. João é fácil de telefonar.
- b'. Maria considera João fácil de telefonar.
- c. João é fácil de chegar na hora.
- c'. Maria considera João fácil de chegar na hora.

Observamos que o uso da preposição *de* é obrigatório. Mantendo a assunção de que sentenças infinitivas precisam ser marcadas por caso, conseguimos uma explicação para o uso obrigatório da preposição: como o DP *João* recebe o nominativo da flexão e o adjetivo *fácil* é incapaz de atribuir caso, a preposição é inserida para executar esta função. A sensação de marginalidade da sentença se mantém se o adjetivo *difícil* funciona como adjunto adnominal:

- (25) a. O fazendeiro difícil de pagar o Banco do Brasil está em Paris.
- b. O fazendeiro que é difícil de pagar o Banco do Brasil está em Paris.

Como as construções em que o adjetivo *difícil* funciona como adjunto adnominal são necessariamente pessoais, prevemos que (25) deveria ser possível.

Sentenças deste tipo são estranhas com a cópula *stage level*:

- (26) ?João está difícil de pagar as contas.

A estranheza da sentença pode ser atribuída à natureza do adjetivo *fácil*, que é talhado lexicalmente para ser do tipo *individual level* quando predica sobre um DP.

### 3.2.2.2 Quando o sujeito controla o argumento interno do verbo encaixado

#### 3.2.2.2.1 Sentenças que apresentam o adjetivo *fácil* sem o infinitivo

Outro tipo de construção pessoal com *fácil* é a que aparece em (19):

- (27) a. O problema é fácil.  
b. Maria considera o problema fácil.

Estas sentenças são usadas para argumentar em favor da hipótese de que o adjetivo *fácil* pode selecionar um DP como argumento, no caso o DP *o problema* (ver Hornstein (2001)). O argumento funciona mais ou menos assim: como na sentença em (19a) não tem outro atribuidor de papel temático para *o problema*, então deve ser o caso que o seu papel temático provém de *fácil*. Também em (19b), na interpretação relevante, como o DP *o problema* não pode ser considerado o argumento interno de *considerar* (ver Rothstein 1995), ele deve ser argumento de *fácil*.

Outros autores, como Hicks (2004) e Léger (2001), afirmam que, mesmo em casos como (19), o sujeito não deve ser marcado tematicamente pelo adjetivo. Esta afirmação levanta a questão de apontar qual é o núcleo lexical que marca tematicamente o DP *o problema* em (19). A resposta é dada com base em sentenças como (28):

- (28) a. ?A feijoada é difícil.  
a'. ?Maria considera a feijoada difícil.  
b. ?Miojo é fácil.  
b'. ?Maria considera miojo fácil.

As sentenças de (28) só são aceitáveis se for pressuposto que *fácil/difícil* têm complementos como os que explicitamos em (29):

- (29) a. A feijoada é difícil de digerir.  
a'. Maria considera a feijoada difícil de digerir.  
b. Miojo é fácil de fazer.  
b'. Maria considera miojo fácil de fazer.

Aplicando o mesmo raciocínio a (19), podemos imaginar que aquelas sentenças são redução das de (30):

- (30) a. O problema é fácil de resolver.  
b. Maria considera o problema fácil de resolver.

Em (30) está explicitado qual é o atribuidor de papel temático para o argumento *o problema*: o verbo *resolver*. O fato de (19) ter aceitação mais imediata que as sentenças de (20) pode estar relacionado com o tipo de DP que temos lá: *o problema* é um DP que faz lembrar o tipo de verbo do qual ele é objeto. Veja que as sentenças de (31) não são as primeiras interpretações evocadas pelas de (19).

- (31) a. O problema é difícil de elaborar.  
b. Maria considera o problema difícil de elaborar.

Assim, como nos casos de *a feijoadada* em (29a)/(30a) e de *miojo* em (29b)/(30b), a interpretação das sentenças de (19) como (31) depende de um contexto especial em que o que se discute é ‘a elaboração do problema’.

Este tipo de sentença tolera melhor a cópula *stage level*:

- (32) Hoje o problema está difícil.

Esse tratamento do problema está de acordo com a preocupação daqueles que, como Perini (1977), não querem enfraquecer as propriedades de seleção dos itens lexicais assumindo que ora o adjetivo *fácil* seleciona um complemento infinitivo, como em (1), ora seleciona apenas um DP como argumento, como em (19), ora um DP como argumento externo e um complemento infinitivo preposicionado como argumento interno, como em (33) abaixo:

- (33) É fácil convencer as crianças.  
(34) O problema é fácil.

Ou, como somos levados a admitir se seguimos Hornstein (2001), ora seleciona um infinitivo como argumento, ora seleciona um DP como argumento, ora seleciona um DP como argumento e um infinitivo preposicionado como adjunto.

### 3.2.2.2 Sentenças plenas

O terceiro tipo de construção pessoal é aquele exemplificado pelas sentenças de (35).

- (35) a. As crianças são fáceis de convencer.  
b. Maria considera as crianças fáceis de convencer.

A primeira particularidade destas sentenças é que o predicado/predicativo concorda com *as crianças*, o que atesta que este DP é de um modo ou de outro o sujeito do predicativo. Em (35a) a concordância acontece trivialmente por *as crianças* ocupar a posição Spec de IP; em (35b) ela se dá em alguma configuração Spec-núcleo na categoria em que aquele DP é marcado por caso. Observe que, numa língua de caso morfológico, como o latim, o adjetivo seria marcado por nominativo em (35a) e por acusativo em (35b). Numa língua de caso abstrato, como é o caso do português, a concordância casual não é manifesta.

A concordância se mantém no caso de *as crianças* se encontrar na periferia esquerda da sentença:

- (36) a. As crianças<sub>i</sub> que t<sub>i</sub> são fáceis de convencer.  
b. As crianças<sub>i</sub> que Maria considera t<sub>i</sub> fáceis de convencer.

Em (36) o *que* indica que *as crianças* é o foco da sentença e o t<sub>i</sub> a posição de onde aquele constituinte é extraído. Se compararmos as sentenças de (36) com as de (12), aqui repetidas, vemos a diferença que existe em relação às construções impessoais: estas não podem manifestar a concordância dado o lugar de onde o foco é extraído.

- (12) a. As crianças<sub>i</sub> pro<sub>expl</sub> é [<sub>AP</sub> fácil [de PRO convencer t<sub>i</sub>]]  
b. As crianças<sub>i</sub> Maria considera [<sub>AP</sub> fácil [de PRO convencer t<sub>i</sub>]]

Por ser marcado por caso nominativo em (35a) e por acusativo em (35b), o DP *as crianças* deve ocupar uma posição A. Por isso, é de se esperar que haja alguma restrição que proíba que aquelas posições venham a ser ocupadas por DPs argumentos internos já marcados com caso oblíquo:

- (37) a. \*As meninas são fáceis de dar flores (~~para as meninas~~)  
a'. \*João considera as meninas fáceis de dar flores (~~para as meninas~~)  
b. \*As aulas de lingüística são fáceis de gostar (~~das aulas de lingüísticas~~)  
b'. \*João considera as aulas de lingüística fáceis de gostar (~~das aulas de lingüísticas~~)  
c. \*Os políticos são difíceis de confiar (~~nos políticos~~)  
c'. \*João considera os políticos difíceis de confiar (~~nos políticos~~)

Esta restrição pode ser formulada como um efeito de compatibilidade casual morfológica: o caso é morfológicamente marcado pela presença da preposição funcional. Quando os objetos dos verbos infinitivos estão deslocados em uma posição A', não há necessidade de compatibilidade casual:

- (38) a. Para as meninas é fácil (de) dar flores.  
b. Das aulas de lingüística é fácil (de) gostar.  
c. Nos políticos é difícil (de) confiar.

Em casos como os de (38), não temos exemplos de sentenças pessoais, mas sentenças impessoais: note a falta de concordância.

O efeito de compatibilidade morfológica não se verifica em sentenças como as de (39):

- (39) a. Esta região é difícil de chover.  
b. A Belina é fácil de caber muita gente.  
c. Estas casas são difíceis de bater sol.

O alçamento do locativo, marcado morfológicamente por caso oblíquo, para a posição de sujeito é possível da mesma forma que acontece nas sentenças simples de (40), tratadas por Pontes (1987) e outros autores:

- (40) a. Esta região chove muito.  
b. A Belina cabe muita gente.  
c. Esta casa bate muito sol.

A segunda particularidade das construções pessoais plenas é que a preposição é obrigatória:

- (41) a. \*As crianças são fáceis convencer.  
b. \*Maria considera as crianças fáceis convencer.

Mantendo a assunção de que a sentença infinitiva tem que ser marcada por caso, a preposição tem que estar presente para lhe fornecer caso. Note que em (35a) *as crianças* recebe o caso nominativo e em (35b) o acusativo e assim estes casos não estão mais disponíveis para a sentença infinitiva. Seguindo Guérin (2006) que afirma que o *à* das sentenças pessoais do francês é gerado no núcleo de CP, podemos atribuir a este *de* propriedades de um complementizador preposicional que subcategoriza um IP infinitivo.

Não encontramos no *corpus* do VARSUL nenhuma ocorrência de sentença pessoal com o adjetivo *fácil* e a preposição *para*. Mas o uso desta preposição nos parece possível:

- (42) a. O leite era fácil de tirar. (CTB23L594)  
b. O leite era fácil para tirar.  
c. Uma criança é muito difícil para botar no mundo.

A sentença infinitiva introduzida por *para*, assim como nos casos de sentença impessoal, pode ser anteposta com mais facilidade:

- (43) a. \*De tirar o leite era mais fácil.  
b. Pra tirar o leite era mais fácil.

Por fim, as sentenças plenas com o adjetivo *fácil* como predicativo (como adjunto nominal também) mostram abertamente os problemas que as sentenças pessoais

encerram. Para um modelo como o de GB, é complicado explicar, em especial, dois pontos alternativos: o movimento do objeto do verbo infinitivo ou a geração do DP em posições que, apesar de serem argumentais, não são temáticas.

### 3.3 A análise adotada

A alternativa para derivar uma sentença pessoal com o adjetivo *fácil* por movimento para a posição de sujeito em (35a) ou de objeto em (35b), repetidas abaixo com marcas acrescentadas, é problemática por tomar um DP gerado em posição argumental [+caso] e movê-lo para uma outra posição [+caso].

- (44) a. As crianças<sub>nom</sub> são fáceis de convencer t<sub>acc</sub>.  
b. Maria considera as crianças<sub>acc</sub> fáceis de convencer t<sub>acc</sub>.

A cadeia A formada por tal movimento é ilícita. Primeiro porque não existe cadeia com dois casos, isto é, a cauda da cadeia não pode ser t<sub>acc</sub>. Depois porque o DP movido cruza uma posição A' de do CP que se presume existir no início da sentença.

A alternativa de gerar *as crianças* como sujeito de uma SC com o adjetivo *fácil* como predicado e uma categoria vazia como objeto do verbo infinitivo também é problemática se é assumido que o Critério Temático se aplica na DS, como é afirmado por Chomsky (1995). Como essa posição não é temática, um argumento seria gerado sem papel temático.

Para contornar os dois problemas, Chomsky (1977) propõe uma solução que procura contemplar os dois problemas: há movimento do objeto do verbo infinitivo, mas o que é objeto deste verbo é um operador Wh que, após ser movido, é apagado; o sujeito da sentença em (35a) (ou o objeto do verbo *considerar* em (35b)) é gerado na respectiva posição, da qual toma o caso, e ganha seu papel temático na relação de predicação com o resto da sentença. Em Chomsky (1981), para enfrentar os mesmos problemas, o autor assume que existe uma reanálise que torna [*fácil de agradar*] um predicado complexo. Isto torna possível a extração de *as crianças* por meio de um simples movimento A.

A proposta da reanálise não é preservada nas soluções minimalistas que apresentamos no capítulo anterior. Entretanto, a idéia por trás da hipótese do operador nulo (Wh apagado de (1977)) é preservada em várias análises. Nas três que retomamos rapidamente, o operador nulo opera sobre ou faz parte do DP que acaba na posição final



de sujeito da sentença ou de objeto do verbo matriz. Este operador é o elemento que permite/obriga a passagem do DP por CP, margem de onde vai ser movido para a posição A final. A evidência de que o movimento para CP tem lugar é o fato de que as construções pessoais licenciam lacunas parasíticas:

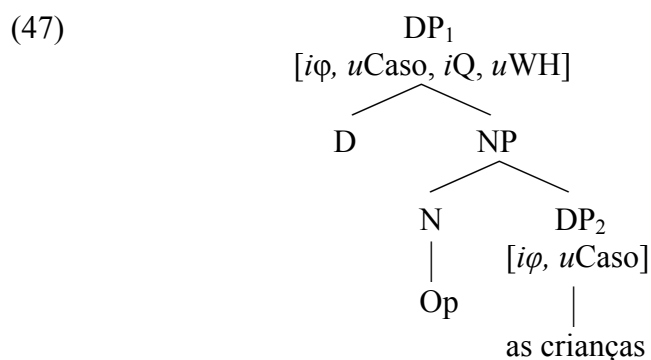
(45) As crianças são fáceis de convencer t sem reprimir pg.

Embora o teste não tenha consistência no português brasileiro por ser esta uma língua que licencia objeto nulo, uma sentença com esta estrutura é gramatical. Veja o exemplo de Sportiche (2006):

(46) Ce fort sera facile à assiéger t sans encercler pg.  
Este forte será fácil de sitiar sem cercar

A análise de Hornstein (2001) supõe, contra a tradição, que a sentença infinitiva é um adjunto e que o DP é argumento do adjetivo *fácil*. Em (34a), por exemplo, o DP [*wh as crianças*] vai para CP por causa do traço [wh] e escapa do CP para a sentença matriz por movimento lateral.

A análise de Hicks (2004) supõe um DP bem mais complexo, repetido em (45) com as devidas adaptações do Capítulo 2:



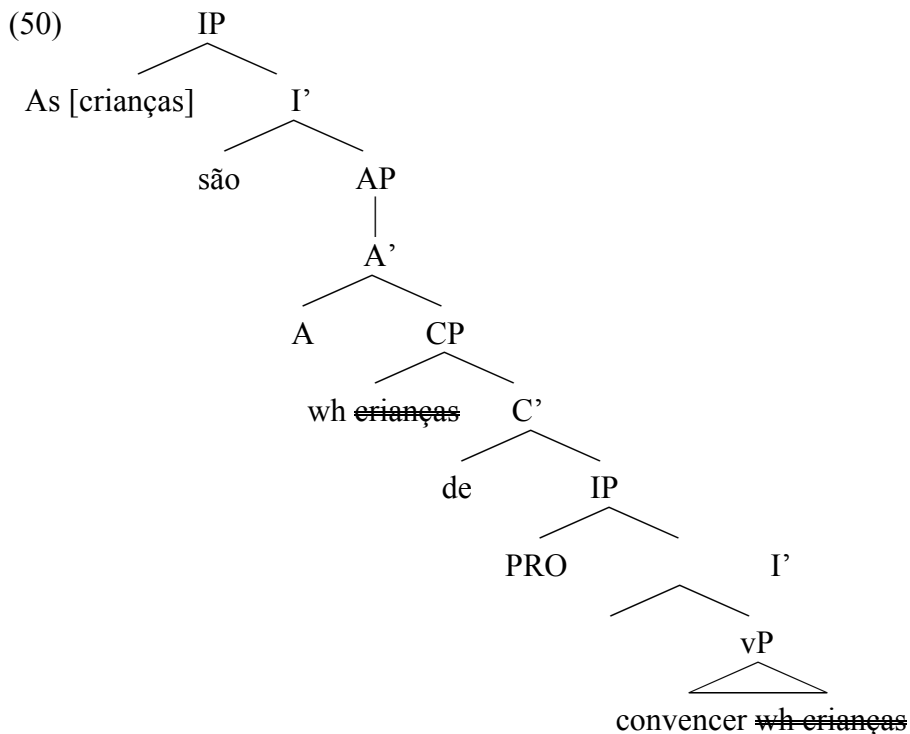
Os traços postulados funcionam da seguinte maneira: *iφ* serve para checar os traços φ de DP<sub>1</sub> e de DP<sub>2</sub>; *uCaso* (acusativo) em DP<sub>1</sub> serve para ser checado contra o verbo infinitivo; *uWH* para ser checado no CP encaixado; *iQ* para checar os traços do operador nulo; e *uCaso* (nominativo) de DP<sub>2</sub> para ser checado contra I. Em especial, a presença de dois *uCasos* evita que o traço ininterpretável de caso de *as crianças* seja

checado duas vezes, acusativo do verbo infinitivo e nominativo da flexão (ou acusativo do verbo matriz).

A análise de Sportiche (2006), que adotamos aqui, recorre a um número menor de estipulações. O princípio que a norteia é a reconstrução, definida como a habilidade de interpretar um sintagma movido como se ele não tivesse sido movido. De acordo com esta proposta, as sentenças de (48) seriam derivadas da maneira resumida em (49):

- (48) a. As crianças são fáceis de convencer.  
 b. Maria considera as crianças fáceis de convencer.
- (49) a. As [crianças] são fáceis [<sub>CP</sub> [~~wh crianças~~] de [<sub>IP</sub> PRO convencer ~~wh crianças~~]]  
 b. Maria considera as [crianças] fáceis [<sub>CP</sub> [~~wh crianças~~] de [<sub>IP</sub> PRO convencer ~~wh crianças~~]]

Em árvore (38a) ficaria como (50), na próxima página:



No âmbito da sentença infinitiva encaixada, o que se move é o sintagma [*wh crianças*], encabeçado pelo operador Wh nulo; no âmbito da sentença matriz, o que se move é o NP *crianças*. Desta forma, derivamos as CFs pessoais no PB.

### **3.4 Resumo do capítulo**

Neste capítulo analisamos somente sentenças que contêm os adjetivos *fácil/difícil*, procurando fazer uma descrição dos tipos de estruturas em que os adjetivos ocorrem. Na primeira seção, tratamos das estruturas em que o objeto do verbo encaixado como complemento do adjetivo permanece *in situ*. Estas são impessoais, como afirmam Léger (2001) e Guérin (2006) e se caracterizam por não ter DP como sujeito. Também descrevemos sentenças em que o adjetivo *fácil* e seu complemento infinitivo são complementos de um verbo transitivo.

Por fim, na segunda seção, vimos sentenças que apresentam o objeto do verbo infinitivo deslocado tanto para a posição de sujeito do verbo matriz como para a posição de objeto do verbo principal. Estas sentenças são chamadas de pessoais. A análise das CFs é complexa, pois há dificuldades para explicar o movimento do DP.

## Conclusão

Neste trabalho foram descritos e analisados diferentes tipos de sentenças com o adjetivo *fácil/difícil* em português brasileiro: as sentenças que apresentam o objeto do verbo infinitivo *in situ* e as que apresentam o objeto do verbo infinitivo deslocado em uma posição da sentença matriz. Estas últimas são comumente conhecidas na literatura como *easy to please*.

Num primeiro momento, descrevemos o comportamento dos adjetivos, suas propriedades de seleção e seu funcionamento como adjunto adnominal e predicativo. Para Miotto *et alii* (2004), um adjetivo é adjunto adnominal quando ele pertence a um DP, isto é, quando é dominado por um DP. O adjetivo é predicativo quando não pertence a ou não é dominado por um DP e faz parte de uma SC.

Em seguida, descrevemos o comportamento dos adjetivos do tipo *fácil* e classificamos as CFs em pessoais e impessoais. Para isto, vimos Léger (2001, 2006), Perini (1977) e Galves (1991). Léger afirma que as propriedades semânticas dos adjetivos determinam o tipo dos complementos que eles selecionam. Perini (1977) descreve a ambigüidade do adjetivo *duro* nas CFs e Galves (2001) levanta o problema do PB de que o DP na posição A da sentença matriz pode controlar tanto o objeto como o sujeito das infinitivas encaixadas.

Nas análises abordadas, vimos que Chomsky (1977) propõe que o DP nas CFs é gerado como sujeito da sentença na base e que existe o movimento de uma expressão Wh da posição de objeto para a periferia esquerda da sentença infinitiva. Esta expressão Wh é obrigatoriamente apagada depois de movida. Assim, a categoria vazia em posição de objeto não se constitui mais em um problema, já que é uma variável derivada por movimento A'. Em 1981 Chomsky sugere que os problemas que envolvem as CFs podem ser contornados se se postula uma reanálise de [*easy [to please John]*] em um adjetivo complexo [*easy-to-please*] *John*. Assim, a sentença seria derivada por movimento do agora objeto do predicado complexo para o Spec de IP.

Já Hornstein (2001) afirma que as CFs são derivadas por *sideward movement* ‘movimento lateral’ do DP para checar papel temático e caso e que o adjetivo *easy* marca o DP sujeito tematicamente. Hicks (2004) supõe um DP complexo a fim de solucionar o problema de Caso das CFs. De acordo com Guérin (2006) a preposição *de*

é um complementizador subcategorizando um IP<sub>[-fin]</sub> e *à* é o núcleo de um IP. E, finalmente, Sportiche (2006) que defende o processo da Reconstrução nas CFs.

Em relação às preposições, parece que a preposição *para* vai melhor com a cópula *stage level* do que com a cópula *individual level*. O uso da preposição *de* é obrigatório em sentenças como *João é fácil de chegar na hora*. Já que sentenças infinitivas precisam ser marcadas por caso, argumentamos para o uso obrigatório da preposição: como o DP *João* recebe o nominativo da flexão e o adjetivo *fácil* é incapaz de atribuir Caso, a preposição é inserida para atribuição de Caso. Nas construções pessoais plenas a preposição é obrigatória.

Por fim, vimos apenas sentenças que contêm os adjetivos *fácil/difícil*. Tratamos das estruturas em que o objeto do verbo encaixado como complemento do adjetivo permanece *in situ* e daquelas em que o objeto é deslocado, o deslocamento podendo ser para uma posição A ou A'. Nesta discussão, acrescentamos as CFs em que o adjetivo *fácil* funciona como adjunto do nome e em que o DP deslocado é marcado excepcionalmente por Caso por um verbo transitivo da sentença principal. A derivação de uma sentença pessoal com o adjetivo *fácil* por movimento para a posição de sujeito em ou de objeto traz problemas à tona, como extrair um DP gerado em posição argumental [+caso] e movê-lo para uma outra posição [+caso]. Isto formaria uma cadeia A cadeia ilícita, pois não existe cadeia com dois casos. E gerar o DP como sujeito de uma SC com o adjetivo *fácil* como predicado e uma categoria vazia como objeto do verbo infinitivo também causa problemas se o Critério Temático se aplica na DS, como afirma Chomsky (1995). Sendo esta posição não temática, um argumento seria gerado sem papel temático.

Em outras palavras, a fim de solucionar os problemas das CFs, Chomsky (1977) propõe o movimento e posterior apagamento do operador Wh. Chomsky (1981), afirma que há uma reanálise que torna [*fácil de convencer*] um predicado complexo. Hornstein (2001) analisa as CFs com o DP como argumento do adjetivo *fácil*. Assim, o DP recebe papel temático do adjetivo e a derivação acontece por movimento lateral. Já Hicks (2001) postula um DP complexo que evita a checagem de Caso duas vezes, já que o DP2 aguarda até o final da derivação para receber nominativo da flexão. Finalmente, Sportiche (2006) estabelece o princípio da reconstrução, definida como a habilidade de interpretar um sintagma movido como se ele não tivesse sido movido. Neste processo, não é o DP inteiro que é movido, mas apenas um pedaço dele, o NP.

## Referências bibliográficas

CHOMSKY, N. (1977) *On Wh Movement*. In: Culicover, P. W., T. Wasom e A. Akmajian (eds.) *Formal Syntax*. Academic Press, New York.

\_\_\_\_\_(1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_(1995) *O programa minimalista*. Trad: Eduardo Raposo. Lisboa: Editorial Caminho.

FRANCHI, C., E. V. Negrão & A. L. Muller (1998) *Um exemplo de argumentação em sintaxe*. Revista da ANPOLL, n°. 5, p. 37-63.

GUÉRIN, V. (2006). *On TOUGH constructions in French*. Department of Linguistics faculty.

HICKS, G. (2004). "So easy to look At, So Hard to Define:" *Togh Constructions and their Derivation*. Texto retirado da internet.

HORNSTEIN, N. (2001) *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford and Malden, MA: Blackwell.

\_\_\_\_\_(2003) *On Control*. In: R. Hendrik (ed.), *Minimalist Syntax*. Blackwell, Oxford.

LÉGER, C. (2001). "*Facile à/facile de: une analyse sémantique*", manuscript, Université du Québec à Montréal, Montréal, Québec, Canada.

\_\_\_\_\_(2006). *La complémentation de type phrastique des adjectifs en français*, Ph.D. dissertation, Université du Québec à Montréal, Montréal, Québec, Canada.

MIOTO, C., M.C. FIGUEIREDO SILVA & R.E.V. LOPES, *Novo Manual de Sintaxe*. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2004.

NEVES, P. *Uma análise sincrônica de construções subjetivas com o verbo ser na fala de Florianópolis*. Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq/UFSC, 2003.

PERINI, M. A. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Virgília, 1976.

SPORTICHE, D. (2006) *NP Movement: How to Merge and Move in Tough-Constructions*. Texto retirado da internet.